



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS.
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA

OSVALDINÉIA OLIVEIRA DA CRUZ

**A PERMANÊNCIA DE CHEFIAS DE FAMÍLIA NO CENTRO DE ARTES,
HUMANIDADES E LETRAS (CAHL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB).**

Cachoeira – BA

2021

OSVALDINEIA OLIVEIRA DA CRUZ

**A PERMANÊNCIA DE CHEFIAS DE FAMÍLIA NO CENTRO DE ARTES,
HUMANIDADES E LETRAS (CAHL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB).**

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de monografia - do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador: Prof.^a. Maria Inês Caetano Ferreira

Cachoeira – BA

2021

CRUZ, Osvaldineia Oliveira da. A permanência de chefias de família no CAHL-UFRB. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública 68 pg.– Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso discute as dificuldades para os estudantes do Centro de Artes, Humanidades e Letras, que são chefes de família, permanecer e concluir os cursos de graduação, em virtude do compartilhamento das atividades da mãe, estudante e trabalhadora. A pesquisa foi realizada com 55 jovens mães solo do CAHL, porém 40 responderam por meio de formulário Google, no ano de 2021. Em seguida, as respostas foram sintetizadas e analisadas. Os resultados revelam o perfil das mães solo do CAHL, além de produzir levantamento das dificuldades e das formas como elas conseguem vencer obstáculos e se graduarem.

Palavras-chave: Chefias de família, patriarcalismo, mãe solo, família monoparental, empoderamento feminino.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	5
I. INTRODUÇÃO	6
II. OBJETIVOS	8
Geral	8
Específicos	8
III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
Patriarcalismo	9
Família monoparental	10
Empoderamento feminino	11
Mulheres Chefes de família	13
IV. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PARA MULHERES	15
V. METODOLOGIA UTILIZADA	18
VI. A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA UFRB: NORMAS E PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA	20
VII. A PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA FEMININA NO CAHL: ANÁLISE DE DADOS	21
VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
IX. REFERÊNCIAS	36
X. ANEXOS	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição da faixa etária das entrevistadas, 2021	22
Gráfico 2- Distribuição das entrevistadas segundo renda, 2021	23
Gráfico 3- Distribuição das entrevistadas segundo condição de trabalho, estudo e não trabalho, 2021	24
Gráfico 4- Distribuição das entrevistadas, segundo condições econômicas da família, 2021	25
Gráfico 5- Distribuição das entrevistas segundo fonte de sustento da casa, 2021	26
Gráfico 6- Distribuição econômica segundo paternidade, 2021	28
Gráfico 7- Distribuição das entrevistadas segundo participação paterna, 2021	29
Gráfico 8- Distribuição segundo quantitativo de filhos, das entrevistadas, 2021	30
Gráfico 9- Distribuição segundo percepção da maternidade das entrevistadas, 2021	31
Gráfico 10- Distribuição segundo rede de apoio das entrevistadas, 2021	32
Gráfico 11- Distribuição da percepção de discriminação segundo as entrevistas, 2021	33

I. I. INTRODUÇÃO

Ao adentrar no ensino superior pude vivenciar algumas especificidades da vida acadêmica feminina e várias dificuldades sentidas tanto por mim quanto por outras mulheres, em virtude da condição de serem chefias de família com filhos.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o perfil de estudantes que são mãe solo e os obstáculos enfrentados no processo de formação no ensino superior, conciliando o trabalho, a maternidade e a vida acadêmica do Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Desta forma, discutimos o que essas chefas enfrentam para garantir tanto a igualdade quanto a sua permanência na universidade e assim concluir a graduação. Este trabalho foi fundamentado com estudo sobre patriarcalismo, família monoparental, empoderamento feminino, sobre a história da educação para mulheres e sobre os múltiplos papéis exercidos pela mulher na contemporaneidade, enfatizando os papéis de trabalhadora/mãe/estudante.

Notamos que para as mulheres terem acesso à educação foram necessárias várias mudanças no cenário educacional brasileiro. Percebe-se uma trajetória de lutas tanto para viabilizar o acesso ao ensino quanto para conclusão do curso. Ainda hoje, há muitos desafios, pois as mulheres desempenham múltiplas funções, que lhes são atribuídas culturalmente como obrigação e de exclusiva competência feminina, que vão impactar no desempenho acadêmico, pois a universidade passa a disputar o tempo e a dedicação dessa mulher com as outras atividades por ela desempenhadas.

Segundo Swain; Sévon (2007; 2005), citado por Urpia (2009, p. 01)

tornar-se mãe em nossa cultura é frequentemente considerada uma experiência realizadora na vida de uma mulher, enquanto o contrário, ou seja, não ter filhos, é encarado como ausência de feminilidade, associada à ideia de incompletude.

Se por um lado essa equação pode refletir a imagem admirada pela sociedade de uma supermulher, o dia-a-dia mostra que na realidade esse fardo disfarçado com elogios só traz

mesmo “super cansaço” devido ao acúmulo de jornada de trabalho. À medida que não são discutidas as formas, os meios que elas usam para permanecer na universidade, a existência de políticas públicas de permanência e assistência para esse público, muitas dessas mulheres acabam desistindo ou optando por desacelerar a vida acadêmica, submetendo-se a frequentes interrupções, uma vez que não é fácil atender às demandas do contexto acadêmico. Resenhas, artigos, resumos, seminários, provas e presença nas aulas competem com os cuidados rotineiros da maternagem: cuidar, brincar, educar, etc., tarefas essas que nem sempre são partilhadas como o pai, mesmo quando e se este é presente.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010 produzido pelo IBGE (2011, p. 123), dos 97,3 milhões de domicílios registrados onde residem mulheres, 22,2 milhões têm as mesmas como responsáveis. E ainda segundo a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), em mais de 42% destes lares, a mulher vive com os filhos, sem marido ou companheiro. É nesse cotidiano desafiador que são inseridas as demandas inerentes do ensino superior. Segundo dados do Censo, realizado pelo IBGE em 2000, 8,81% das mulheres cursando o ensino superior, com idade entre 19 e 29 anos, têm filhos na faixa etária de 0 a 4 anos. Significa dizer, portanto, que quase 10% das mulheres universitárias brasileiras nesta faixa são mães de crianças pequenas e podem vir a demandar políticas públicas que lhes permitam permanecer no ambiente acadêmico e concluir seus estudos com melhores chances de entrar no mundo do trabalho. (IBGE 2000 apud URPIA e SAMPAIO, 2009, p. 148).

Logo, o presente trabalho busca evidenciar as dificuldades e a diversidade das mulheres chefes de família do CAHL, por se tratar de estudantes do mesmo gênero: mulheres; diversidade porque cada uma tem uma trajetória muito diferente. E tem por objetivo apresentar a experiência de mães universitárias do CAHL, no processo de formação do ensino superior. Ao expor essas realidades pretende-se tornar visíveis as dificuldades de conciliação da maternidade e do trabalho com a da vida acadêmica e contribuir para a elaboração de políticas de assistência estudantil na UFRB.

Toda a mulher tem direito de fazer escolhas em relação à sua vida, inclusive o direito de estudar, de se desenvolver e se empoderar. Esse também sendo um direito das mulheres chefes de família.

II. II. OBJETIVOS

Abaixo estão descritos os objetivos desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Geral

Levantamento das dificuldades das chefias de famílias com filhos menores de 10 anos do Centro de Artes, Humanidades e Letras para permanecer e concluir a graduação.

Específicos

- Levantar os casos de chefias de família no CAHL.
- Identificar mulheres com experiência de chefia de família com filhos menores de 10 anos do CAHL-UFRB.
- Pontuar as dificuldades vivenciadas pelas chefias de família para permanecer e concluir a graduação do CAHL-UFRB.
- Propor novas formas de permanência no ensino superior para mulheres chefias de famílias.
- Reconhecer o tipo de apoio do genitor das chefias
- Apontar o tipo de apoio da família do genitor das crianças das chefias.
- Conhecer o tipo de apoio das chefias de família.

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho exigiu a discussão de diversos conceitos para a construção de um aporte teórico que permitisse a compreensão do fenômeno estudado e da construção dos instrumentos metodológicos.

Patriarcalismo

Um dos principais conceitos para quem estuda desigualdade de gênero, processos de dominação da mulher pelo homem é o patriarcalismo. Segundo Ivana Patrícia Almeida da Silva (2017) o fenômeno do patriarcado é uma das principais categorias de análise sobre a qual se fazem os estudos feministas, principalmente no que se diz respeito às consequências para a vida das mulheres, como no casamento e na família. Por um bom tempo as relações conjugais eram sinônimas de transações financeiras visando garantir o patrimônio da família. De acordo com esta interpretação, a família não é uma construção natural, é um produto de formas históricas de organização entre os humanos.

A origem do patriarcado é polêmica e suas raízes são muito antigas, estas remontam às sociedades primitivas. O patriarcado é considerado, historicamente, o mais antigo sistema de dominação-exploração humana. No entanto, o patriarcado é um ponto constitutivo das sociedades, que se atualiza de acordo com as transformações sociais, ele encontra-se tão enraizado na cultura que a tendência é naturaliza-lo, de modo a tornar suas manifestações quase imperceptíveis, apesar das atuais críticas feitas por alguns eixos dos estudos feministas (Silva, 2017).

Em boa parte das sociedades conhecidas, as mulheres estão subordinadas aos homens. Essa dominação masculina se reproduz nas relações conjugais, principalmente nos casos de longa duração. Vale destacar que, em boa parte dos casos, esse processo de dominação é exercido de modo silencioso e, até mesmo, pouco visualizado. Isso por causa dos padrões patriarcais que modelam a conjugalidade, permeados por enunciados religiosos e sociais que naturalizam condutas conjugais abusivas (Silva, 2017).

Para denunciá-los e torná-los perceptíveis é necessário um trabalho de conscientização social sobre as atualizações do patriarcado e seus tentáculos nas atuais conjugalidades. Este é

um desafio que o feminismo enfrenta desde suas primeiras bandeiras de luta, apesar das visíveis mudanças estruturais, especialmente no bojo da conjugalidade, ainda estamos muito longe de nos livrarmos do machismo e construirmos relações verdadeiramente igualitárias, fomentadas pelo respeito, pelo afeto e pelo companheirismo.

Família Monoparental

A família nuclear, que se constitui na figura de pai, mãe e filhos já não se configura como o padrão ideal para a nossa sociedade com a força que teve a alguns anos atrás. Os modelos de famílias estão passando por um processo de reestruturação em seu interior, afetando toda a sociedade. Esta reestruturação se deve a vários fatores e mudanças. A visibilidade da família monoparental ganha corpo em nossa sociedade e define a família. Vale ressaltar que o modelo de família nuclear sempre foi associado às classes burguesas. Corrêa (1993) discute o fato de que a família monoparental é um modelo comum às classes burguesas, significativas parcelas da população brasileira se organizaram em outros modelos de família, diferentes da monoparentalidade.

O modelo de família com chefia feminina sempre foi uma realidade comum para boa parte dos brasileiros. Contudo, embora a monoparentalidade sempre tivesse sido mais comum entre os burgueses, em contraste com outros modelos da maioria da sociedade brasileira, ela se colocou como um valor positivo, associado a princípios de famílias organizadas, boa educação dos filhos etc. Desse modo, esses outros modelos, tão comuns, não raramente, têm sido apontados como menos legítimos.

Mas o fato é que, embora a família monoparental siga como um modelo positivo, atualmente novos modelos vão se impondo, inclusive em muitos setores da burguesia. Desde 1994, a união estável se tornou um modelo legal, amparado pela legislação brasileira, por mais que ela guarde semelhanças ao casamento monoparental, ela não é esse casamento, e a opção dos casais por esse modelo indica algum tipo de resistência à união tradicional. Um exemplo são as famílias com casais compostos por pessoas de um mesmo gênero. Muitas mulheres de classe média hoje são mães solo, enfrentando críticas e dificuldades. Mas a chefia feminina nas classes populares segue uma realidade, desde sempre, com todos os custos sociais, emocionais e econômicos. Goldani (1994) chama atenção para a diversidade de

arranjos familiares, entre outros motivos, pelo prolongamento da expectativa de vida, assim como os efeitos do desmonte da previdência social, a crise do desemprego etc. Essa autora destaca a necessidade de recriação da solidariedade no âmbito da família, uma vez que o clássico papel masculino de provedor torna-se ameaçado pela reestruturação do mercado de trabalho, que provocou o desemprego prolongado ou formas mais frágeis de vínculos trabalhistas, inclusive para homens adultos, que antes tinham acesso a melhores postos de trabalho. Tal fenômeno conflui para as taxas mais acentuadas de ingresso de mulheres no mercado de trabalho, seja de modo precário, auxiliando no orçamento familiar, seja parte do movimento, mesmo, de luta pelo maior espaço das mulheres na cena pública.

Empoderamento Feminino

Cornwall (2018) explica a origem do conceito empoderamento, a partir dos movimentos sociais, na luta por justiça e igualdade. Nesse entendimento, o empoderamento perpassa pelo capital social. E a consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero, uma consequência do movimento feminista e, mesmo estando interligados, são coisas diferentes. Empoderar-se é o ato de tomar poder sobre si. Pessoas oprimidas ou que recebem menos atenção na nossa sociedade, muitas vezes não têm consciência de seu próprio poder, e as mulheres estão incluídas neste grupo. É daí que surge o empoderamento (Heffel&Silva&Londero, 2016).

Sardenberg (2009) explica que, para o movimento feminista, empoderamento se relaciona com a libertação das mulheres em relação à dominação de gênero, com a superação do patriarcalismo, com destaque para o poder das mulheres sobre o próprio corpo. Essa autora destaca o caráter coletivo do conceito, trata-se da luta política das mulheres, não se referindo a ações de agentes individuais. Nessa perspectiva, o empoderamento é consequência de um processo auto reflexivo, ou seja, não é um movimento de fora para dentro, em que alguma instituição, movimento etc. promove oportunidades que vão desencadear tal processo. É a própria mulher, no processo do movimento de construir sua autonomia que conquista o empoderamento.

Segundo Ferrari (2013), citado por Heffel&Silva&Londero (2016, p. 06),

a construção da autoestima é o caminho para a mulher reformular sua questão de poder, de dentro para fora. De nada adianta conquistar poder na sociedade, se a mulher continuar a ser a única cuidadora no seio familiar e interiorizar esta função. O empoderamento significa que a mulher deve tomar para si seus direitos, revestindo-se e investindo-se de poder, 'pois luta por seus direitos quem os reconhece, mas acima de tudo, quem se reconhece como digno deles.

Sardenberg (2009) e Cornwall (2018) discutem as transformações deste conceito, que vai ganhando aspectos individualistas, mas comuns à perspectiva neoliberal. Nesse movimento, o conceito passou a ser associado a ações de agentes para o desenvolvimento socioeconômico individual. Se na origem o conceito guardava forte vínculo na luta contra o modelo de dominação do capitalismo, inclusive contra seu aspecto de dominação de gênero, mais recentemente ele também é empregado em propostas de agências multilaterais, ancoradas em discursos de tônica liberal.

De qualquer modo, o conceito ganhou corpo nas diversas formas de resistência à opressão de gênero, orientando ações governamentais e não-governamentais contra as desigualdades que afetam as mulheres.

Citado por Heffel&Silva&Londero, Lima (2015) defende que o Estado desenvolva o seu papel, não apenas legislando,

de modo a tentar coibir discriminações e abusos contra a mulher, sob ameaças de sanção. Efetivamente, deve promover a conscientização e maximizar a igualdade entre os gêneros, por meio de políticas públicas de ações afirmativas. Cabe ao Estado a garantia dos meios necessários à realização da mulher como cidadã e agente de desenvolvimento. Além disso, deve promover ações capazes de enaltecer a dignidade, oportunizando à mulher a participação ativamente nas escolhas e na condução dos caminhos da cidadania com inclusão na sociedade (2016, p. 07).

Para as políticas públicas de empoderamento feminino, estas devem ser acompanhadas de capital social, de forma a combater toda e qualquer situação que se afaste da liberdade, do respeito e da garantia de direitos. A população feminina empoderada com capital social poderá, com certeza, buscar e conseguir benefícios sociais, poder, melhores condições de trabalho e de vida.

Mulheres Chefes de Família

Segundo o estudo (2018) “Mulheres chefes de Família no Brasil: avanços e desafios”, de Suzana Cavenaghi, o Brasil tem passado por muitas transformações nas últimas décadas. Com o aumento da urbanização, a maior complexidade da estrutura produtiva, a redemocratização política, e as mudanças sociais e demográficas, o país viu crescer a pluralidade dos arranjos familiares e apresentou um enorme crescimento da quantidade de famílias “chefiadas” por mulheres.

Embora o despontar da chefia feminina, em parte, tenha ocorrido em decorrência de mudanças conceituais e na forma de coleta dos dados nas várias pesquisas domiciliares, não há dúvida de que representa um fenômeno social de mais absoluta relevância. De fato, a própria alteração na coleta da informação é devido às mudanças sociais em curso, visto que mesmo o termo “chefe”, para designar a pessoa responsável pela família, tem sido criticado ao longo dos anos, seja esta uma “chefia” masculina ou feminina.

De modo geral, a expressão “mulheres chefes de família” é vista como um fenômeno positivo em termos do empoderamento feminino dentro da família. Porém, esse termo é mais complexo e retrata distintas situações dos arranjos familiares, nem sempre favoráveis a um maior padrão de vida das mulheres e, de fato, situações de empoderamento. De muitas maneiras, ser a pessoa responsável pela família, ou a pessoa de referência ou chefe da família, pode envolver circunstâncias que são resultados de oportunidades e outras que são fatalidades, com relação à pessoa que mora sozinha. Tal recorrência pode ser estendida para outros tipos de famílias.

Destaca-se a reflexão de Macedo (2008) sobre a negatividade geralmente associada no debate sobre chefia feminina, não raramente vinculada ao empobrecimento das mulheres, pelo modo como elas estariam ingressando no mercado de trabalho, somadas às responsabilidades solidárias com a família. Essa autora se contrapõe a tal relação, enfatizando os estigmas que esses discursos criam para as mulheres, uma vez que ainda estariam enfatizando o papel da mulher como mãe, mais do que como trabalhadora ou qualquer outro papel social que lhe interesse. Enfim, essa autora chama atenção para a reprodução do valor carregado de preconceito de gênero da mulher mãe.

Existem diversos tipos de arranjos familiares em que se encontram as mulheres chefes de família, como casal sem filhos, casal com filhos (mulher, cônjuge, filhos e outras pessoas), monoparental feminino (mulher sem cônjuge e com filhos e/ou outras pessoas), arranjo unipessoal (mulher morando sozinha) e outras famílias (como grupos aparentados sem núcleo reprodutor e pessoas sem laço de parentesco marido-esposa ou pais-filhos).

Segundo o IBGE (2011) os homens constituíam quase 75% dos universitários do país em 1970. Contudo, a situação mudou rapidamente. Em 1980, a participação relativa dos homens entre a população com curso superior caiu para 54,5% e, praticamente, atingiu a paridade em 1991. Porém, a história se inverteu no século XXI. No ano 2000, as mulheres alcançaram quase 53% do total e atingiram 58,2% da população universitária brasileira em 2010. Ou seja, a reversão do hiato de gênero na educação atingiu os níveis superiores. As mulheres deixaram de ser minoria para se tornarem a maioria das pessoas com curso superior no Brasil.

Isso ocorreu com mais intensidade entre as gerações mais jovens. Segundo o Censo Demográfico de 2010, havia 13,5 milhões de pessoas com formação universitária no país, sendo 5,6 milhões de homens e 7,8 milhões de mulheres. Ou seja, havia 2,2 milhões de mulheres a mais com curso superior, representando 58,2% para o sexo feminino e 41,8% para o sexo masculino. Ainda segundo o censo 2010, no grupo 60-69 anos as mulheres representavam 51,1%, e os homens, 48,9%. Contudo, quanto mais novo o grupo etário, maiores são as vantagens do sexo feminino. No grupo etário 20-24 anos, as mulheres representam 62,5% das pessoas com curso universitário, contra apenas 37,5% dos homens.

O Brasil apresentou um grande crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) nas últimas seis décadas. A PEA total passou de 17,1 milhões de pessoas, em 1950, para quase 93,5 milhões de pessoas, em 2010 (aumento de 5,5 vezes). A PEA masculina passou de 14,6 milhões para 52,8 milhões (incremento de 3,6 vezes), enquanto a PEA feminina teve uma elevação extraordinária, passando de 2,5 milhões, em 1950, para 40,7 milhões, em 2010 (crescimento de 16,3 vezes). Parte dessa expansão deve-se a mudanças metodológicas nos instrumentos de coleta do censo e das pesquisas domiciliares, mas a tendência de aumento em longo prazo é inegável e são as mulheres a principal força por detrás do crescimento geral da força de trabalho.

Analisando-se o comportamento das taxas de atividade para homens e mulheres, entre 1950 e 2010, observa-se uma redução das taxas masculinas, que passaram de 80,8%, em 1950, para 67,1%, em 2010. O aumento das taxas femininas foi de 13,6% para 48,9%, no mesmo período.

A diversificação e a multiplicação dos arranjos familiares fizeram com que o número de famílias aumentasse com maior velocidade em relação à população total. Entre 1960 e 2010, a população brasileira passou de 70,1 milhões para 191 milhões de habitantes, um crescimento demográfico médio de 2% ao ano. Já o número de famílias passou de 13,5 milhões em 1960 para 54,4 milhões de unidades em 2010, perfazendo um crescimento geométrico de 2,8% ao ano. O crescimento acumulado para o período foi de 172,2%, para o caso da população, e de 301,7% para as famílias;

Se o número de famílias cresce mais rápido do que a população total do país, então o tamanho médio de cada família fica menor. Como o número de domicílios passou de 17,6 milhões em 1970 para 57,4 milhões de unidades em 2010, a densidade de pessoas diminuiu nas moradias. Acompanhando essa mudança nos domicílios e famílias, e observou-se o crescimento da chefia feminina no período, que mudou de pouco mais de 10% para quase 40% no período (IBGE, 2011).

IV. IV. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PARA MULHERES

Desde o período colonial as mulheres brasileiras foram dispensadas da escassa educação formal que existia no País, tendo sido apenas educadas para as funções do lar, para o marido e filhos.

As primeiras manifestações de preocupação com a educação feminina ocorreram em 1822, com a independência do Brasil, quando se estabeleceu que o ensino primário fosse responsabilidade do Estado e deveria também ser oferecido às meninas. Porém, não despertou o interesse dos pais e, por não haver professoras qualificadas, poucas alunas foram ensinadas apenas a ler e escrever. (Beltrão; Alves, 2009, p. 127).

Um decreto imperial de 1881 facultava o acesso das mulheres aos cursos superiores, mas o ingresso era dificultado uma vez que os cursos secundários não as habilitavam para a

faculdade. A Constituição da República, de 1891, descentralizou o ensino: a União era o responsável pela criação e controle das instituições de ensino superior. Os Estados, responsáveis por criar e controlar o ensino primário e o ensino profissional de nível médio, que compreendia as escolas técnicas para homens e escolas normais para as mulheres, na época.

O acesso da mulher no ensino secundário e superior cresceu a partir do início do século XX, permanecendo sempre menor ao dos homens. Este acesso passou a ser possível com as exigências da industrialização que crescia com a Revolução de 1930. Outro fator que influenciou ocorreu em 1932, através do Decreto Lei do Presidente Getúlio Vargas, que dava à mulher direito ao voto. E uma vez que só podiam votar os alfabetizados, passou a ser interessante aos políticos que toda população fosse alfabetizada. Por último, a influência do feminismo na década de 1970, foi o principal fato para o acesso das mulheres ao ensino secundário.

Em 1985, com a “Nova República”, o ensino brasileiro continuou expandindo. No ensino superior, houve o crescimento das universidades privadas, ultrapassando em muito o número de estudantes matriculados nas universidades públicas. Essa expansão das vagas favoreceu especialmente as mulheres que souberam aproveitar as oportunidades que surgiram através das transformações estruturais e institucionais que ocorreram no Brasil. Já na segunda metade do século XX, elas reverteram o abismo que existiam entre os homens, em todos os níveis da educação. (Beltrão; Alves, 2009, p.130).

Atualmente, as mulheres são maioria nas escolas, nos cursos de qualificação, e nas universidades, de acordo com os dados do Plano Nacional de Qualificação, do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS (BRASIL, 2016, p.1). Também segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o número de mulheres que ingressam no ensino superior é maior que o número de homens. O percentual médio de ingresso de alunas até 2013 foi de 55% do total em cursos de graduação presencial. Se o recorte for feito para os concluintes, o índice sobe para 60%. Nos últimos dez anos, do total aproximado de 6 milhões de matrículas, 3,4 milhões foram de mulheres, contra 2,7 milhões do sexo oposto. (BRASIL, 2016, p. 01).

Segundo Urpia (2009) é inegável que as mulheres são hoje a maioria entre os estudantes universitários. Entretanto, o ingresso no ensino superior, bem como no mercado de trabalho, não as desobriga das funções domésticas e do cuidado com os filhos.

Amaral, Dutra e Rodrigues (2018) discutem a importância da educação no enfrentamento da desigualdade entre homens e mulheres. Não sem motivo, as agências multilaterais destinam esforços para influenciar ações de governos de atenção na educação de meninas, para transformar o quadro da desigualdade de gênero, esse foi o caso dos Objetivos do Milênio das Nações Unidas, que enfatizou compromissos na oferta de educação para garotas.

Os debates da literatura sobre os diversos conceitos abordados acima contribuem para uma melhor delimitação do tema desta pesquisa. Em primeiro lugar, é essencial considerar o fenômeno do patriarcalismo que, embora já muito contestado, parece ainda influenciar os destinos das mulheres. Quando se busca pensar nas estudantes do CAHL tem que se considerar a lógica patriarcal, que contamina as expectativas da sociedade em relação às mulheres.

Os papéis sociais que se colocam para homens e mulheres ainda traçam destinos para ambos os sexos. Desde crianças, as famílias educam de formas diferentes os meninos das meninas. As garotas são ensinadas a aceitarem o papel ativo dos homens, a aceitarem a importância da união com um homem, a aceitarem que serão mães quando adultas, de filhos cujos pais estarão ao lado, na criação, mas desempenhando o papel masculino, de força, de apoio financeiro. Enquanto as mães, mais compreensivas, cuidando do lar. Porém, essa expectativa, em boa parte dos casos, começa e acaba como expectativa. Muitas garotas têm filhos, mas não contam com o pai na criação da criança.

Em muitos desses casos, as próprias mães têm que cuidar sozinhas dos filhos, tendo que, além da responsabilidade de criar a criança, ainda se responsabilizar pelo sustento e, ainda tem as que, com tudo isso, se lança nos estudos, buscando construir um modo diferente, através da educação. Mesmo essa sendo uma realidade muito comum, os valores do patriarcalismo ainda pairam como se encobrissem a realidade de que as expectativas desses papéis sociais dificilmente se tornam realidade.

Esses valores patriarcais colaboram para que muitas mulheres, inclusive as estudantes mães solo do CAHL, se sintam responsáveis por viver uma realidade que não corresponde às

expectativas, quando, na verdade, parece ser quase uma loteria essa correspondência. Sentem-se responsáveis, culpadas, pagando o preço por não fazerem o que muitos na sociedade consideram que seria o correto. A educação tem um papel importante na formação das estudantes mães solo, na perspectiva da qualificação profissional, contribuindo para a possibilidade de uma forma mais positiva no mercado de trabalho. Mas, a educação também é uma ferramenta para as mulheres fazerem o tal movimento autorreflexivo, explicado por Sardenberg (2009), que leva ao empoderamento.

Assim, se, para a mãe solo, a permanência no ensino superior é um obstáculo a mais no seu dia-a-dia tão repleto de obrigações, esse mesmo obstáculo pode ajudá-la no desenvolvimento de mais autoconfiança, na crença no poder de si própria. As informações do IBGE (2011) acima indicam que, cada vez mais, as mães solo participam do mercado de trabalho, a educação então se torna cada vez mais importante para essas mulheres, para que elas ingressem de modo mais qualificado, podendo obter rendimentos melhores. A Universidade Federal do Recôncavo nasceu com a perspectiva de compromissos de inclusão social.

As mães solo do Recôncavo deveriam encontrar no espaço da UFRB uma possibilidade de acolhimento e desenvolvimento do empoderamento. Assim, pesquisar as mães solo no CAHL é investigar as formas como essas estudantes enfrentam os obstáculos ao acesso e permanência ao ensino superior, às dificuldades materiais e, inclusive, os valores disseminados na sociedade que não estimulam o papel ativo feminino, pelo contrário, fortalecem expectativas de que as mulheres estão mais seguras sob a proteção de homens provedores.

V. V. METODOLOGIA UTILIZADA

Em uma primeira etapa, o trabalho se inicia com uma revisão de literatura, partindo do contexto histórico do patriarcalismo, família monoparental, empoderamento feminino e educação para mulheres até suas múltiplas funções. Tendo uma observação simples do público alvo que são graduandas chefes de família do CAHL-UFRB.

Inicialmente a proposta metodológica era prioritariamente qualitativa, levantando de modo aprofundado os obstáculos das mães solo do CAHL na permanência e conclusão da

graduação. A técnica que seria adotada era o grupo focal. Seriam criados roteiros de questões a serem discutidas por um grupo de mães solo do CAHL. Entretanto, com a ocorrência da pandemia pelo vírus COVID-19, foi necessário refletir sobre outras formas.

Atualmente os formulários Google têm sido adotados como ferramenta para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, sobretudo a partir da pandemia pelo vírus COVID-19, quando o afastamento entre as pessoas e o trabalho remoto foi adotado como estratégias para o enfrentamento contra a disseminação do vírus. Em razão das facilidades na aplicação destes formulários, ele terminou por escolhido o único método desta pesquisa.

Vale ressaltar que essa escolha não foi tranquila. O diálogo com as mães solo era um objetivo perseguido, porque permitiria a construção de reflexões coletivas ricas, que trariam novidades sobre o tema. A proposta é que nesse percurso até mesmo as mães solo poderiam construir autorreflexão sobre suas vivências. A opção pelo formulário exigiu longo tempo de consideração porque houve a expectativa de que a pandemia poderia perder força, permitindo a realização do grupo focal. Mas com a aproximação do prazo para conclusão e defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso, tornou-se inevitável o uso dos formulários.

A partir do momento que se decidiu o uso do formulário google foi necessário construir um roteiro de perguntas para serem respondidas, fazer o levantamento de mães solo do CAHL e pensar sobre a quantidade de entrevistadas necessárias para garantir a legitimidade dos resultados. O levantamento das mães solo foi feito por meio dos contatos já conhecidos e da indicação de novos contatos, com seus respectivos e-mails e telefones. Esse processo durou cerca de três meses, porque, em razão da pandemia a busca de entrevistadas tornou-se mais difícil, já que os encontros presenciais ficaram mais raros, exigindo conversas por plataformas digitais.

A elaboração do roteiro de perguntas se vinculou à preocupação com a garantia da legitimidade dos resultados. Não seria possível construir uma amostra das mães solo do CAHL por falta de informação do universo desse grupo em relação ao total de discentes. Mesmo que essa informação fosse possível, não seria possível obter o contato de todo esse universo para promover os sorteios necessários das entrevistadas. Portanto, o caráter clássico de uma pesquisa quantitativa não parecia poder ser atingido. Assim, optou-se por construir um longo roteiro, a fim de reunir quantidade significativa do maior número de entrevistadas possível, permitindo levantar, apresentar e discutir a realidade social das mães solo do CAHL.

O roteiro se dividiu em blocos de questões, a saber: caracterização das mães solo do CAHL, com perfil de idade, condições socioeconômicas das mães, de suas famílias, dos pais das crianças e de suas famílias; a relação das mães solo com a ideia da maternidade; as mudanças ocorridas na vida dessas mães a partir da maternidade e as dificuldades da permanência e conclusão da graduação no CAHL.

O questionário foi enviado para 55 mães solo, sendo que 40 delas responderam. Esse total de respostas pareceu suficiente, em razão da quantidade de informações levantadas. A partir da conclusão da etapa de recolhimento de respostas, teve início a análise dos dados.

VI. A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA UFRB: NORMAS E PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA

A criação da Universidade Federal do Recôncavo Baiano se deu por ato da Lei nº 11.151 de 29 de julho de 2005, contextualizada no ambiente de discussão da expansão universitária, e que visava uma maior descentralização e distribuição do ensino superior no país. A essa nova política educacional do ensino superior foi incorporando uma maior presença das minorias identitárias, populações tradicionais, negros e negras, comunidade LGBTQS+ e mulheres. Uma série de ações, incluindo a própria criação de mais universidades, fomentou uma gradual modificação do perfil estudantil das universidades públicas do Brasil, o que na atualidade se revela bastante modificado quando comparado há algumas décadas.

Nesse sentido, a UFRB incorporou nos seus fundamentos essenciais de criação e funcionamento a ideia de incluir dentro do ambiente acadêmico os setores da sociedade mais marginalizados do ensino superior no Brasil. As políticas de cotas e a reserva de vagas forjaram os principais mecanismos para acesso e inclusão das camadas sociais mais pobres e que enfrentam maiores problemas sociais, diminuindo a desigualdade e aumentando o acesso à universidade pública. As mulheres, antes minoritárias nas universidades públicas, já são maioria hoje e tendem ao longo dos anos superar em muito a sua participação na universidade brasileira. Além disso, permitir o acesso também tem por necessidade garantir a permanência desses grupos dentro das universidades. Deste modo, políticas de residência estudantil, bolsas

e auxílios moradia e alimentação, programas de transporte estudantil e assistência variados, são fundamentais para permanência universitária.

Na Universidade Federal do Recôncavo Baiano, a política de assistência estudantil é desenvolvida pela PROPAAE - Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis.

Foi criada com o propósito de articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização relativas ao ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior de forma dialógica e articulada com os vários segmentos contemplados por estas políticas, pondo em prática uma ação de corresponsabilidade e mutualidade no trato com as demandas da comunidade acadêmica” (UFRB-PROPAAE, 2021).

Esse órgão é responsável por estabelecer as diversas políticas de assistência estudantil na UFRB. Ao analisar sua base normativa, a que fundamenta os auxílios e benefícios estudantis, ficou bastante evidente a falta de ações específicas para as mulheres-mães estudantes universitárias. Apesar das ações afirmativas e de auxílio à permanência estudantil, no quadro de benefícios que são estritamente direcionados às mães estudantes, apenas o auxílio creche está disponibilizado. Ainda assim, trata-se de uma política de permanência estudantil a ser dividida entre homens e mulheres.

Os demais benefícios ofertados pela Universidade a título de assistência estudantil (auxílio moradia, auxílio transporte, bolsas de permanência etc.) estão voltados para o público em geral. Esse panorama decorre de uma ausência de normas e de políticas públicas voltadas exclusivamente para as mulheres estudantes. Esse quadro normativo deixa a desejar numa perspectiva de inclusão e permanência. É claro nas estatísticas nacionais que as mulheres estão em condições de vulnerabilidade muito maiores que os homens. Quanto às mulheres chefes de família, essas características de vulnerabilidade são aumentadas. Dentro dessa condição de análise fica patente que as políticas afirmativas e as cotas raciais deveriam estar incrementadas com programas de auxílio direcionados às mulheres-mães do corpo discente.

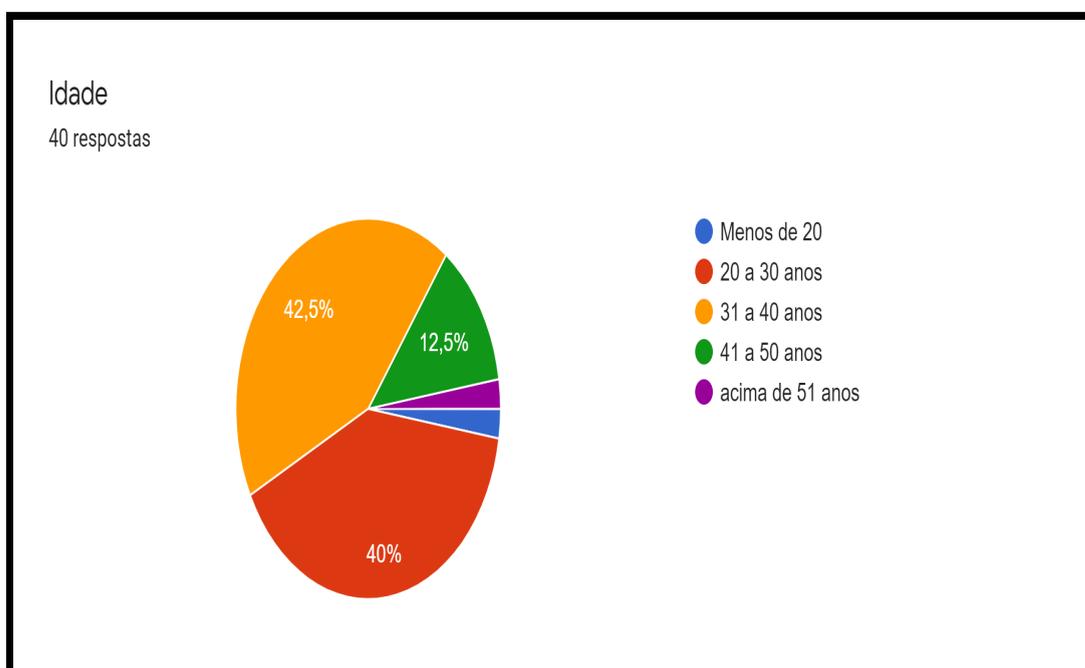
VII. A PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO CAHL: ANÁLISE DE DADOS

Na análise de caso, as interpretações derivadas da pesquisa de campo levaram a considerar que a falta de políticas públicas ou a deficiência delas contribui de alguma forma na permanência universitária feminina, ou dificultando ou criando impedimentos concretos ao objetivo da conclusão do curso. Em diversos momentos observamos exemplos e casos de mulheres, chefes de famílias, que aumentaram as estatísticas de abandono, evasão, desistência do ensino superior por motivos variados.

O drama sanitário e social que ocorreu devido a pandemia de covid-19, para além de justificativas, acarretou uma mudança significativa no modo de se relacionar socialmente e, nas atividades de ensino e pesquisa implicou em novas didáticas e metodologias. Nesse sentido, para essa pesquisa, o uso do questionário virtual - Google Formulários - importou em adaptações e flexibilidade na interpretação dos dados e tabelamento dos mesmos.

O questionário foi aplicado no formato objetivo, para ser mais didático e de fácil acesso por parte das entrevistadas. Das diversas questões, ficaram apresentadas as diversas facetas que caracterizam a vida da mulher universitária, recheada de percalços e obstáculos.

Gráfico 1- Distribuição da faixa etária das entrevistadas, 2021



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Destaca-se nesse perfil estudantil feminino a percentagem de 12,5% de mulheres com mais de 41 até 50 anos. Isso demonstra a quantidade de mulheres que voltam aos estudos após terem criado seus filhos e filhas, constituído famílias, tornadas maduras e que voltam à universidade nesse ciclo da vida, porque não puderam ou não tiveram a oportunidade quando ainda eram mais novas de idade. Esse panorama é de fato uma das nuances da permanência da mulher na universidade que se afirma em contato direto com essas mulheres. As demandas da vida social da mulher, no patriarcado, estimulam a desigualdade de gênero refletindo nas escolhas de vida - estudar ou trabalhar ou cuidar dos filhos?! Não dando para estudar agora, no futuro, quando mais velha, então é possível retornar aos estudos e concluir a tão sonhada universidade - essa é a realidade de diversas dessas mulheres.

Gráfico 2- Distribuição das entrevistadas segundo renda, 2021



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

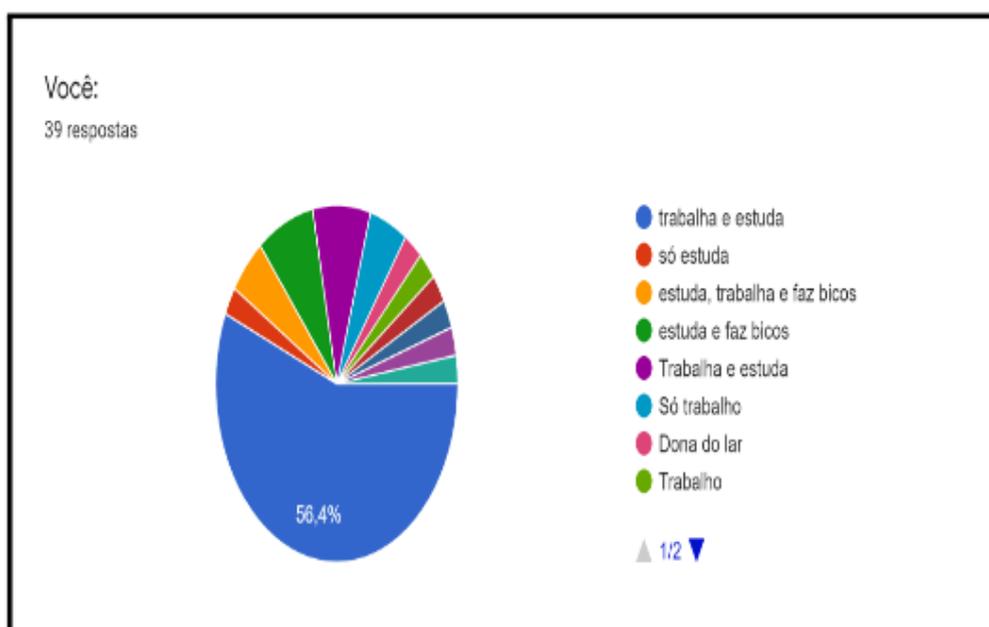
Não repetir essa realidade e tentar "se formar logo" é a vontade principal de diversas das mulheres inquiridas neste formulário. Às vezes, ganhar o diploma universitário é imperativo. Porém, as nuances da vida são duras e diversas dificuldades se apresentam. A primeira dificuldade, uma das mais fortes a ser enfrentada, é a financeira. Diretamente

relacionada ao patriarcado, ao perfil salarial e de renda das mulheres, parcela significativa das entrevistadas demonstraram que vivem com renda familiar em torno de um salário mínimo (40%). Reflete a dimensão importante da falta de mais acesso e igualdade nas questões de gênero.

Verifica-se também que são poucas as mulheres que vivem com menos de um salário mínimo comparado aos demais grupos de renda. Esse dado representa a enorme dificuldade de acesso às universidades por parte das mulheres das camadas sociais mais pobres e também suas permanências no ensino superior.

A perspectiva de melhoria nas condições de vida e alcance mais qualificado nas relações de trabalho é o que motiva as mulheres a permanecerem estudando no CAHL. As mulheres chefes de família são sempre prejudicadas pela maneira como são disponibilizadas as políticas de acesso e permanência no ensino superior, sobretudo os auxílios financeiros. Nos últimos anos, com a crise econômica e social que se abateu sobre a sociedade brasileira essa dificuldade se acentuou. Muitas mulheres que participaram do questionário precisam desenvolver os estudos concomitantes ao trabalho (56,4%).

Gráfico 3- Distribuição das entrevistadas segundo condição de trabalho, estudo e não trabalho, 2021



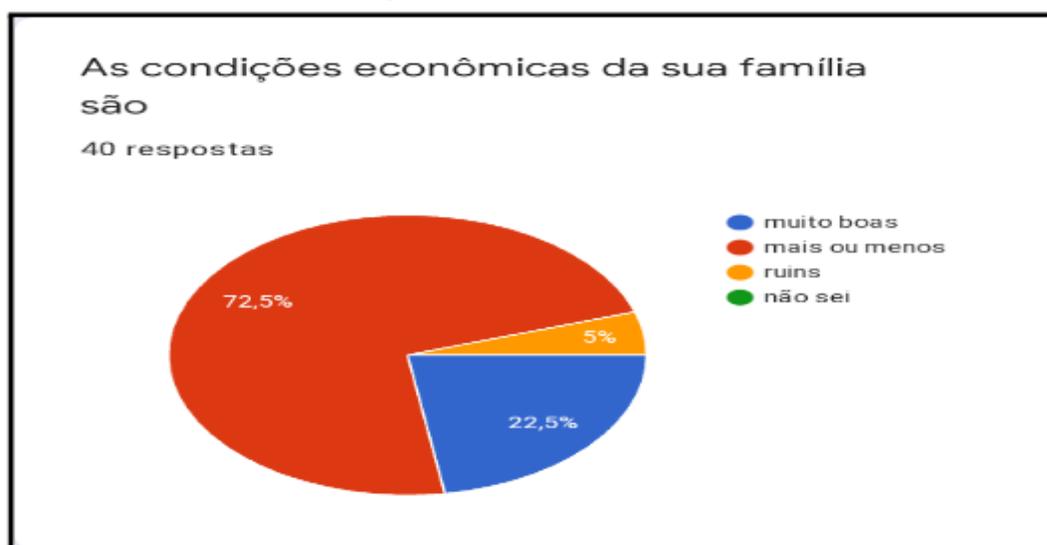
Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Além disso, parcelas das entrevistadas relataram trabalhar, estudar e desenvolver outras atividades, tais como cuidar dos filhos, fazer "bicos" (trabalho avulso) dentre outras atividades.

Poucas relataram participar de famílias economicamente bem situadas, enquanto a maioria considerou que suas famílias estão localizadas num patamar mediano de renda e qualidade financeira. Esse aspecto da vida da mulher estudante do CAHL nos toca profundamente, haja vista ser essa a realidade que vivenciamos. Cuidar da família, trabalhar e estudar são condições dadas que requerem às vezes muitas adequações. O cotidiano é pesado e as tarefas se acumulam na vida de uma mulher, mãe, universitária.

Muitas desistem nesse caminho por causa dessa sobrecarga de atividades. A teoria explica esse fenômeno como sendo "dupla jornada" ou "múltiplas jornadas" e como isso afeta sobremaneira o conjunto das mulheres no Brasil. A literatura acadêmica é farta de exemplos, casos e estudos dessa condição a que estamos submetidas, na sua grande maioria. Quando isso se soma a perspectiva de renda mínima e baixos ganhos financeiros, a jornada de trabalho e emprego que podem superar às oito horas diárias - algo comum no Recôncavo Baiano -, a pouca ou nenhuma assistência estudantil, têm-se uma condição ímpar para a grande quantidade de evasão do Centro Universitário situado em Cachoeira.

Gráfico 4- Distribuição das entrevistadas, segundo condições econômicas da família, 2021



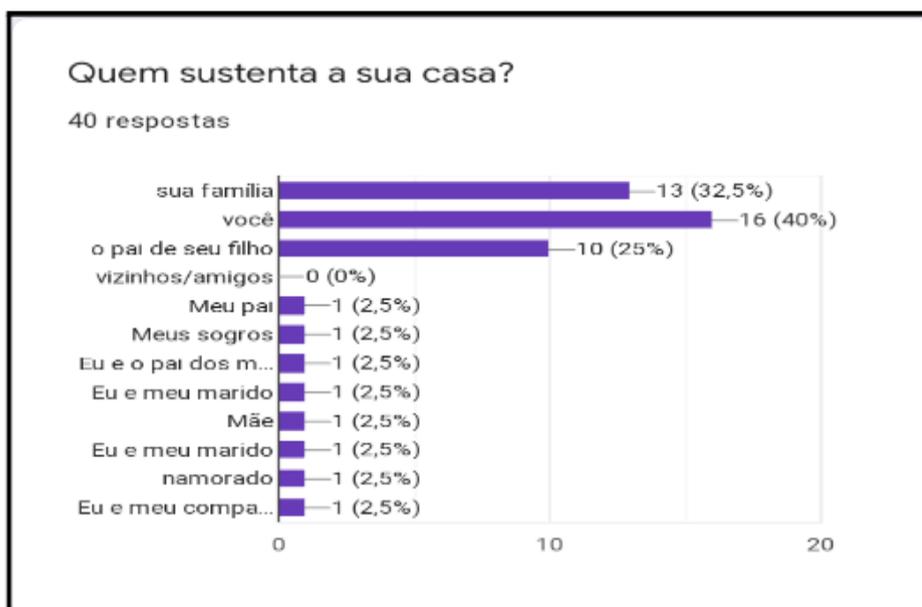
Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Ao relatar seus ganhos, as entrevistadas indicaram que a maior parte delas tem sua renda advinda do salário (85%), ou seja, são mães empregadas. Parte delas relatou como fonte de renda os benefícios sociais dados pelo governo, como bolsa família e auxílio emergencial - este último dado no contexto da pandemia de Covid-19.

Nesse diagnóstico, salta à vista os dados relativos ao sustento familiar e a centralidade das famílias monoparentais entre as entrevistadas. A ideia de haver muitas mulheres que se desdobram em várias atividades cotidianas, muito além do somente estudar ou trabalhar, ganha força quando se percebe que, em muitas dessas famílias matriarcais, o sustentáculo financeiro recai sobre a mulher chefe de família. Então se pensa o quanto é comum e difícil o cotidiano dessas mulheres que além da universidade têm a responsabilidade de manter financeiramente suas famílias. Quando há conflitos entre os interesses educacionais, formativos e de sobrevivência, fica evidente que largar os estudos pode ser a alternativa restante, dado que sem salário, trabalho e renda é impossível sobreviver.

O CAHL e a UFRB, ainda que tenham políticas afirmativas que a colocam em um patamar diferenciado no Brasil, deixam a desejar em não oferecer a essas mulheres alternativas de renda e auxílio para a permanência universitária.

Gráfico 5- Distribuição das entrevistas segundo fonte de sustento da casa, 2021



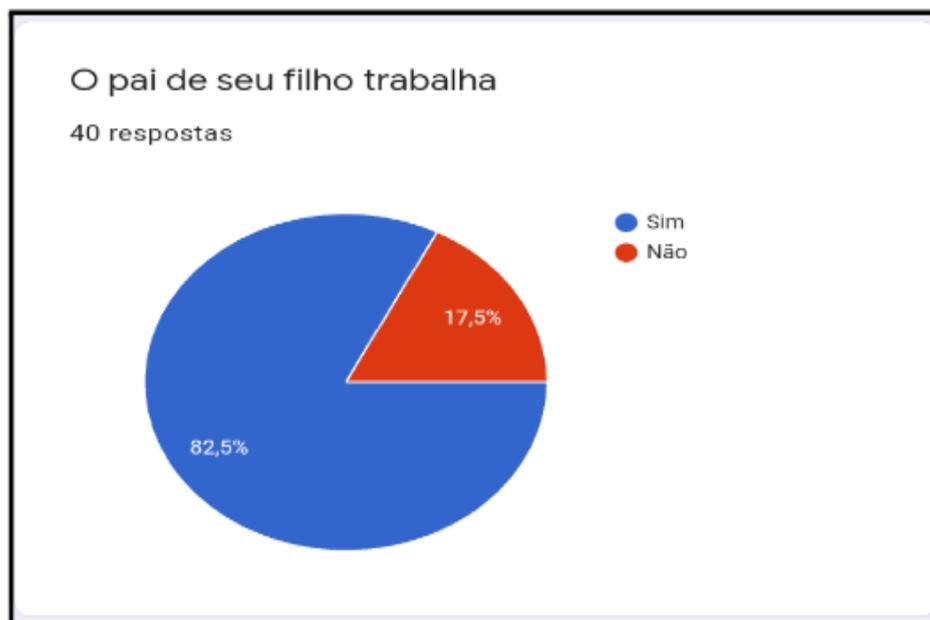
Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Visualizar essas condições econômicas e sociais das mulheres chefes de família no CAHL é ter também uma perspectiva atrelada aos mecanismos do patriarcado e do machismo estrutural da sociedade brasileira. As famílias monoparentais chefiadas por mulheres são uma realidade que importa em muitas conjecturas e situações de vida. Quando questionadas sobre as condições familiares, de renda e aspectos sociais dos homens pais de seus filhos e filhas, as respostas indicam que existe uma contribuição na maior parte das vezes por parte dos homens no sustento familiar e que suas condições de vida estão no patamar mediano, muito compatível com a situação financeira das mulheres pesquisadas.

Muitas famílias possuem na renda de pai e mãe suas fontes de sobrevivência, mas fica claro no gráfico analisado a preponderância das mulheres como mantenedoras exclusivas da casa (40%). Os homens, pais dos filhos dessas mulheres são mantenedores da casa em apenas 25% dos casos, o que figura, inclusive, abaixo das famílias (32,5%) como provedoras do sustento familiar. Essa característica assume os ares do tão criticado machismo e patriarcalismo nacional. Fica claro no CAHL que são, sobretudo as mulheres chefes de família, em sua maioria, que assume as rédeas da família e sua sobrevivência. Isso desconstrói uma visão social - deturpada - que as mulheres dependem dos homens, inclusive quando mães solteiras. Pelo contrário, na maior parte das vezes ou é a própria mulher que sustenta a si e seus filhos ou é a família da mãe que ajuda nas necessidades.

Isso se choca com outros dados quando analisamos a percepção que essas mulheres têm das famílias dos pais. Nesse quesito não existe uma variação acentuada nas condições de vida, economicamente e financeiramente, de homens e mulheres. No entanto, o desconhecimento da situação financeira da família do pai, por parte das mulheres pesquisadas (12,5%), evidencia algum comprometimento na compreensão desses dados e gera questionamentos sobre a influência financeira dessas famílias (dos pais) no suporte dado às mulheres chefes de família.

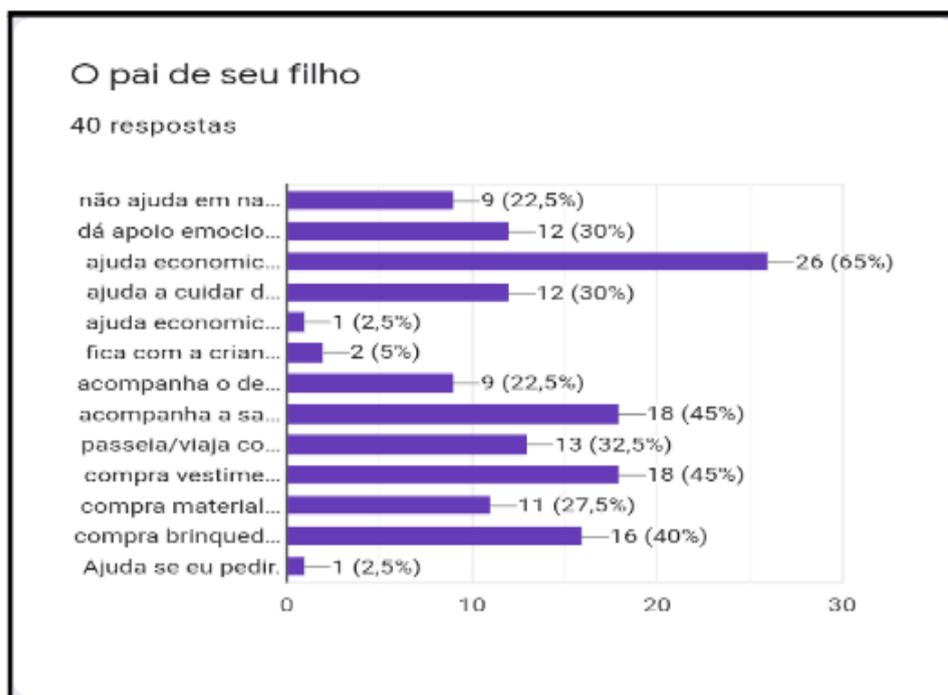
Gráfico 6- Distribuição econômica segundo paternidade, 2021



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Outra condição relatada que sobressai é a quantidade de famílias monoparentais que não recebem nenhuma ajuda dos pais (22,5%). Essa característica do machismo estrutural é a evidência do abandono dos machos e de suas responsabilidades familiares. Essa perspectiva corrobora a necessidade de mais políticas educativas e formativas no sentido do reconhecimento dos direitos de pensão alimentícia e das consequências que o não cumprimento desse dever legal pode acarretar para os homens supracitados. Para além é uma das grandes dificuldades que as mulheres enfrentam na criação de filhos e filhas - é muito importante modificar essa realidade.

Gráfico 7- Distribuição das entrevistadas segundo participação paterna, 2021



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

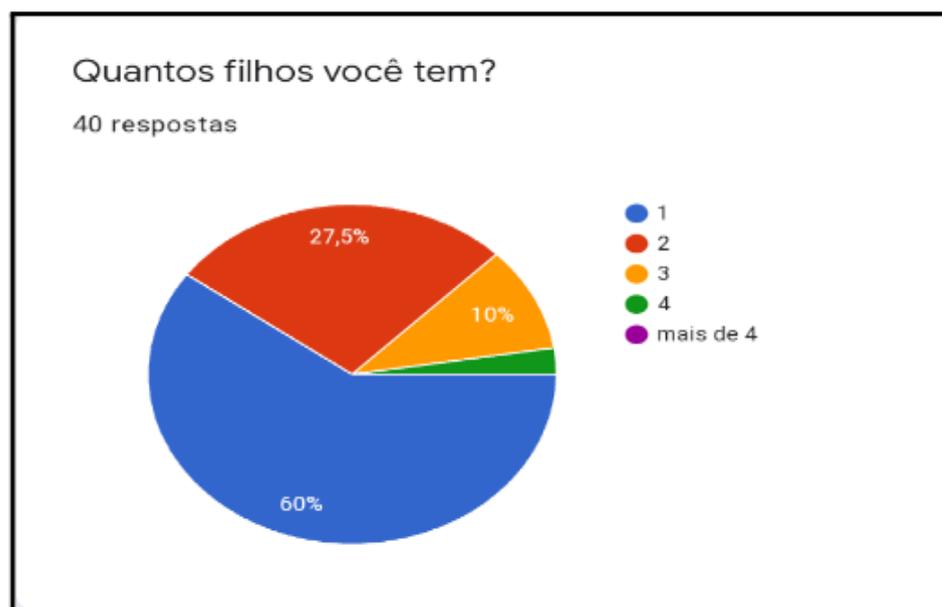
A maioria das mulheres entrevistadas mora nas cidades de Cachoeira e adjacentes, o que implica uma consideração sobre suas situações econômico-financeiras atreladas ao dinamismo econômico da região. Além disso, 60% mora com suas famílias, o que importa outra consideração: as famílias das mães são o suporte elementar na sustentação familiar das pesquisadas. Esse dado é importante na interpretação da família monoparentais e no modo como as dinâmicas sociais das mulheres chefes de família se dão. As famílias matriarcais centram-se como núcleo duro do convívio e da relação entre parentes. Sem esse suporte dos parentes, muitas mulheres caem no problema do abandono do ensino superior e engordam as estatísticas de evasão.

O peso das responsabilidades familiares recai, sobretudo para as mulheres. Destacam-se as múltiplas jornadas, a responsabilidade e guarda dos filhos e filhas, o auxílio da família da mulher nas lidas do cotidiano e o aporte financeiro majoritariamente feminino. As mulheres são sobrecarregadas com várias jornadas diárias de trabalho (dentro e fora de casa), de tarefas para com suas famílias e estão ainda assim, numa perspectiva de

vulnerabilidade, já que são poucos os auxílios e benefícios estudantis distribuídos no CAHL - UFRB. O auxílio creche, vinculado ao valor de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais), disputado tanto por homens quanto mulheres chefes de família, não estão sintonizadas com os valores cobrados por esses serviços na região. Ademais, as cotas ofertadas para esse benefício são insuficientes para a demanda. Esse é o gargalo que faz um afinilamento na perspectiva de graduação de parte das mulheres que abandonam os cursos superiores no Brasil e no Recôncavo Baiano.

Mudanças nos programas de auxílio estudantil devem ter como fundamento uma visão de que as mulheres são as mais prejudicadas na permanência universitária, considerando que, sobre elas e suas famílias, diversas nuances e características são marcantes. A maioria dessas mulheres está dentro da média de filhos da sociedade brasileira (gráfico 2.2). A quantidade de filhos é outro fator importante na permanência universitária feminina. Esse dado, quando interpretado isoladamente não parece ser de grande relevância, mas acaba sendo para nós mulheres algo a salientar, já que, quanto mais numerosa a prole, maiores são as demandas a que são submetidas às chefes de família. Importante considerar que a maternidade é um dos grandes fatores que atrasam ou impedem o acesso das mulheres ao ensino superior no Brasil.

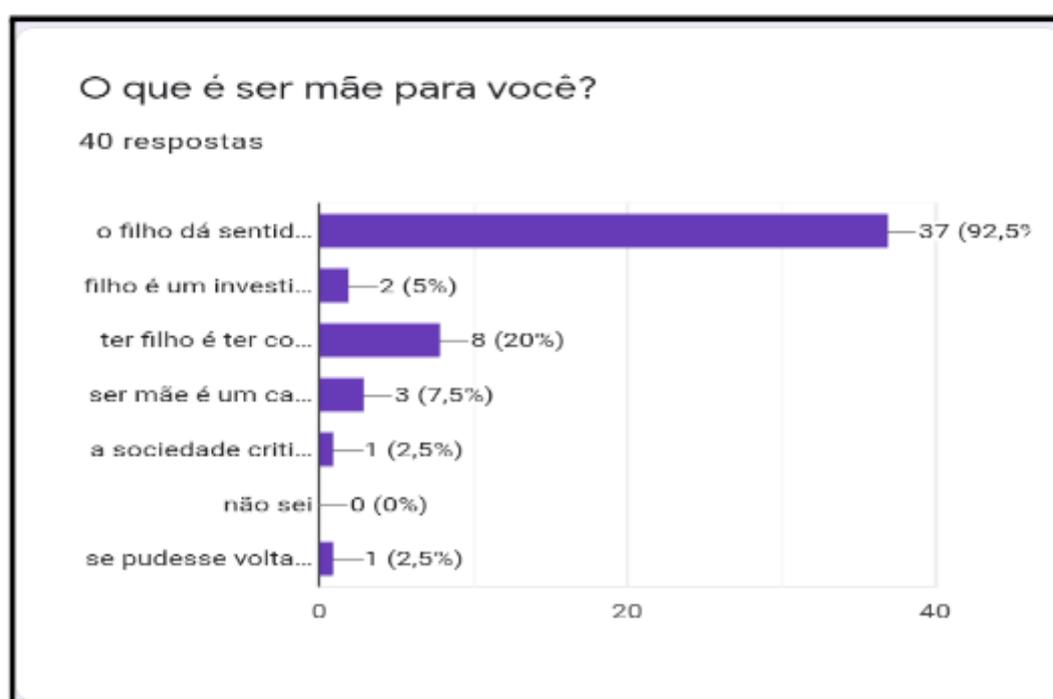
Gráfico 8- Distribuição segundo quantitativo de filhos, das entrevistadas, 2021



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Visualizando uma análise mais intimista e subjetiva, estendemos as questões para entender como as mulheres chefes de família do CAHL veem a si mesmas e as suas colegas dentro dessa perspectiva de permanência universitária feminina, no contexto de filhos, trabalho e estudos. De fato, ser mãe solteira acarreta muitas responsabilidades e põe em questão muita das vezes os anseios e desejos da mulher. A maternidade é sonhada por muitas mulheres, mas os fatos e a realidade por trás desse ser mãe muitas vezes impõem à mulher escolhas difíceis de tomar. Para muitas das entrevistadas a maternidade é a realização de um desejo profundo e uma condição especial dada pela vida. Para outras, a maternidade é um fardo difícil de carregar. Muitas colegas estudantes passam por problemas inumeráveis nas vidas decorrentes do fato de ser mãe. A maneira como a sociedade observa a mulher mãe solteira é carregada de estereótipos e preconceitos que dificultam em muito a vida dessas mulheres.

Gráfico 9- Distribuição segundo percepção da maternidade das entrevistadas, 2021

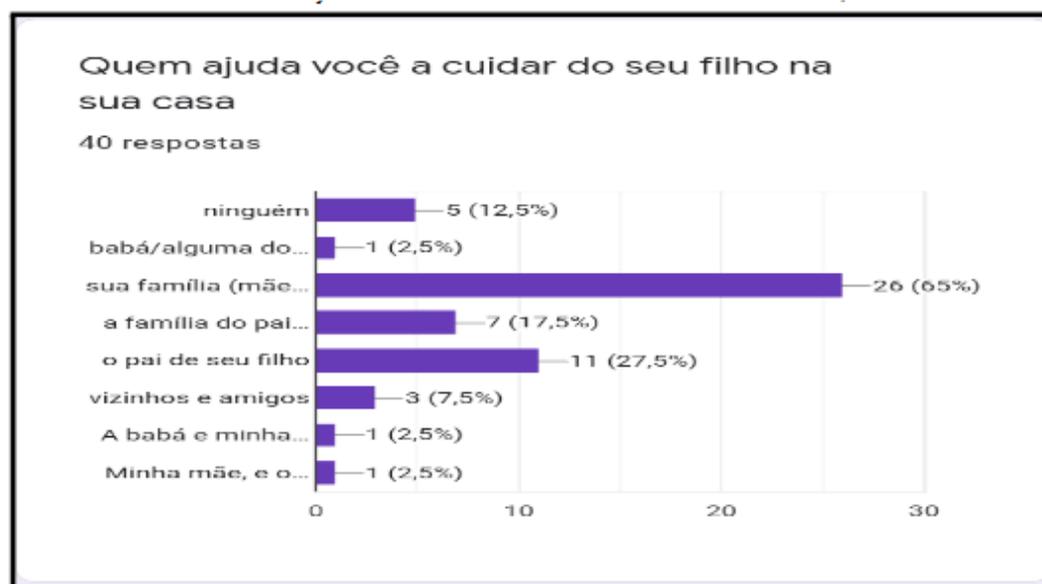


Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Dentro dessa compreensão, é preciso que sejam revistas às normas e políticas de permanência estudantil para as mulheres mães. As necessidades desse grupo específico de discentes não estão contempladas no bojo geral das demandas estudantis. Uma condição fundamental nesse panorama é entender que conciliar maternidade e estudos passa pela condição familiar e que os auxílios financeiros, apesar de importantes, nem sempre são as principais demandas dessas mulheres. Cerca de 65% das entrevistadas demonstraram que é a família que ajuda a cuidar dos filhos e filhas quando as estudantes estão em seus afazeres (trabalho e estudos). Nesse sentido, o auxílio creche, ainda que bem vindo, pode não ser o fator mais importante e que gera diferencial na vida da mãe solteira.

Vale ressaltar que ao estudar e trabalhar ao mesmo tempo, a primeira atividade está geralmente fadada ao contra turno (trabalha-se de dia e estuda-se à noite). Nesse período, a relação mãe - filhos ficam prejudicados, pois sobra pouquíssimo tempo do dia para esse convívio familiar. Muitas mães só veem seus filhos ao acordar e dormir, devido, sobretudo a essa sobreposição de atividades. Nesse sentido, seria bom que as políticas educacionais contemplassem uma visão mais integradora da estudante mãe, inclusive permitindo e dando melhores condições para que essas mães estudantes estivessem com seus filhos nas dependências da universidade.

Gráfico 10- Distribuição segundo rede de apoio das entrevistadas, 2021

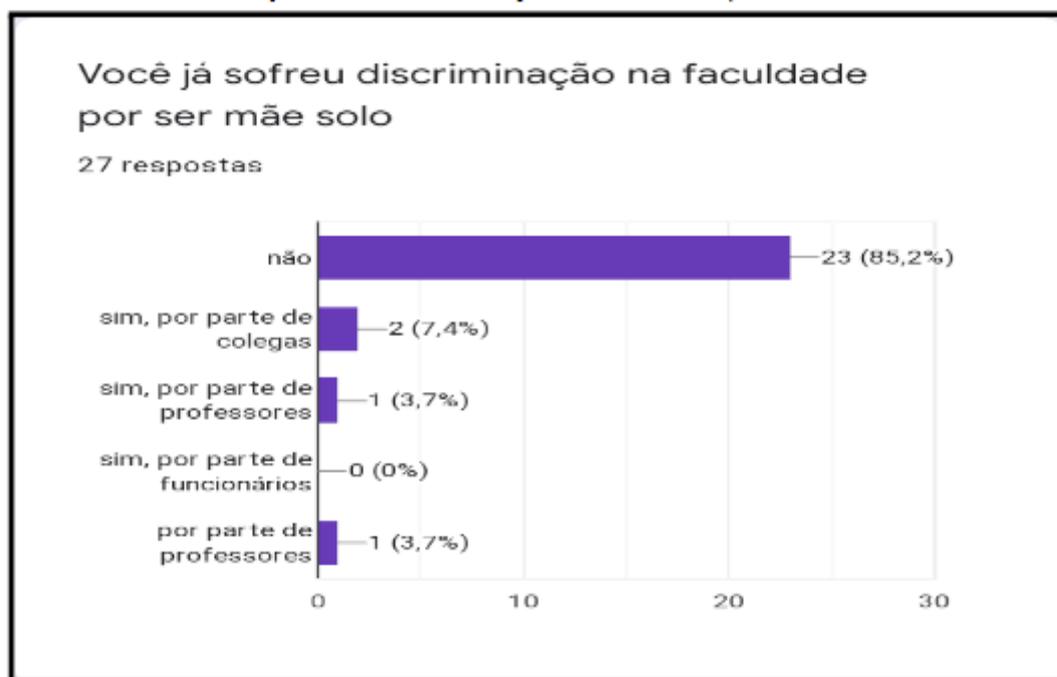


Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Essa realidade trabalho - estudo onera a família no cuidado das crianças. A mãe estudante sobrecarregada com as demandas do dia a dia se ampara no apoio familiar. A universidade falta nesse sentido, pois não oferece as mesmas condições para ter maior facilidade na vida para superar essas dificuldades.

Muitas mulheres sofrem com as condições dadas pela universidade para estudar, permanecer e concluir a graduação dados os diversos obstáculos que enfrentam no âmbito estudantil. São diversos relatos de discriminação ou situações constrangedoras pelas quais passam por causa da condição de ser mãe. São professores que não toleram a presença da criança na sala de aula, são estudantes que não respeitam a mãe no aleitamento, são problemas estruturais que não dão às estudantes condições de trazerem seus filhos para o convívio universitário.

Gráfico 11- Distribuição da percepção de discriminação segundo as entrevistas, 2021



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Apesar de a grande maioria das mulheres não terem relatado a existência dessas situações que levaram a ter dificuldades na permanência universitária, a existência de casos de discriminação faz crer que são necessárias políticas e práticas públicas que corrijam o problema. Essa necessidade é imperiosa para que haja verdadeiramente uma universidade inclusiva e plural. As mulheres-mães, chefes de família, estudantes universitárias precisam de maiores atenções, de melhores condições de estudo, inclusive com meios necessários para cuidar de seus filhos e assisti-los nas dependências da universidade. É importante que práticas preconceituosas sejam coibidas e que seus autores sejam responsabilizados.

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa sensibiliza fortemente pela autora se tratar de uma mãe solo, chefia de família, que engravidou no processo da graduação, precisando, a priori, abrir mão do emprego, adiando assim alguns sonhos em prol da maternidade. Na vida acadêmica fez-se necessário abandonar disciplinas sendo reprovada diversas vezes, bem como trancar alguns semestres, o que estendeu sua permanência, na universidade, por sete anos. Durante esse tempo, foi lutando contra os próprios medos, solidão e inseguranças, consolidando sua rede de apoio, para que foi possível contornar esses obstáculos e chegar à reta final.

As situações vivenciadas pela autora não são fatos isolados e a permanência universitária é um enorme desafio para as mulheres chefes de família. A dificuldade em sustentar estudo, trabalho e família faz da graduação uma séria e verdadeira "corrida de obstáculos". A mulher mãe encontra-se diante de situações e escolhas que muitas vezes desencadeiam no abandono universitário e na desistência em obter o nível superior.

Diante disso, a mulher estudante concorre em desigualdade, sobretudo quando mãe e chefe de família, na disputa por bolsas e auxílios. Isso se deve ao fato de não haverem programas específicos para esse grupo de estudantes. A UFRB surgiu no Recôncavo Baiano como uma universidade integradora e inclusiva, porém a ausência de políticas públicas específicas ou mais eficientes para mães chefes de famílias questiona esse papel, pois não oferece igualdade de oportunidades para essas mulheres.

Será preciso rever processos de ajuda e auxílio universitário, além de melhorar a compreensão dentro do corpo docente, discente e público em geral quanto às necessidades das

estudantes mães. Para que isso ocorra, será importante revisitar as normas de auxílios universitários e benefícios que são dados aos estudantes de modo geral e especificar melhores mecanismos para que a mulher chefe de família se sinta mais acolhida na sua vida universitária.

Compreender os diversos dramas e processos pelos quais passam as mulheres, mães e chefes de família no país, ajudam a resolver, ou melhor, tentar solucionar esses dilemas. Mas isso só não basta! É importante que as autoridades e governanças estejam atentas e dispostas a modificar essa realidade que nos cerca. Para que isso aconteça, devemos exigir e aumentar as discussões em torno da temática. Somente desse modo, poderemos obter uma universidade plural, inclusiva e conectada com os anseios dos novos tempos.

VI. IX. REFERÊNCIAS

- AMARAL, Jobim do. DUTRA, Augusto Ferreira. RODRIGUEZ, Gabriela da Silva Liziane **Educação e empoderamento feminino: uma crítica ao terceiro “Objetivo de Desenvolvimento do Milênio”**. (ODM) sobre igualdade de gênero Prisma Jurídico, vol. 17, núm. 2, 2018.
- BELTRÃO, K. I., & ALVES, J. E. D. (2009). **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX**. *Cadernos de Pesquisa*, 39(136), 125-156. 2009.
- CAVENAGHI, S., & ALVES, J. E. D. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.
- CORRÊA, Mariza. **“Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil”**. In: CORRÊA, M. (Org.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CORNWALL, Andrea. **Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global”**. *Cad. Pagu*, Campinas, 2018, p 185-202. 2018.
- HEFFEL, C. K. M.; SILVA, V.; LONDERO, J. **A construção da autonomia feminina: o empoderamento pelo capital social**. Anais do XII Colóquio Nacional de Representações de Gênero. Campina Grande–PB, 2016.
- GOLDANI, Ana Maria. Retratos da família em tempos de crise. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, n.especial, p.303-335, 1994.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Censo Demográfico 2010. Características da população e dos domicílios - Resultados do Universo**. 2011. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf Acesso: 19 de setembro de 2021.
- MACEDO, Márcia dos Santos. **Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza**. *Cad. CRH* 21 (53) • Ago 2008 p. 389-404, Maio/Ago. 2008.
- PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. **Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família**. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69, 2007.
- PROPAAE - Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis. UFRB - Universidade Federal do Recôncavo Baiano. 2021
- SANTANA, E. L. F. F. **Família monoparental feminina: fenômeno da contemporaneidade polêmica**. 13(2), 1225-1236, 2014.
- SARDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista** (transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas

do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, NEIM/UFBA, Salvador, 2006, ampliado na versão 2009. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848> >. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

SILVA, I. P. A. **Reflexões sobre família, conjugalidade e patriarcado**. 2017. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13thWomen's Worlds Congress(Anais Eletrônicos), Florianópolis: 2017.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: narrativas de um self participante**. Salvador, 2009. 200 p. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, 2009.

URPIA, A. M. de O.; SAMPAIO, S. M. R. **Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária**. Revista Recôncavos, v. 3, n. 2 p. 30-43, 2009.

X. ANEXOS

QUESTIONÁRIO / GOOGLE FORMULÁRIO

Mulheres mães chefes de família do CAHL

Pesquisa sobre mães estudantes

E-mail:

Qual seu nome? (aquele pelo qual você quer ser denominada nesta pesquisa, não vai informar seu nome verdadeiro)

⋮

Idade		<input checked="" type="radio"/> Múltipla escolha ▼
<input type="radio"/> Menos de 20		✕
<input type="radio"/> 20 a 30 anos		✕
<input type="radio"/> 31 a 40 anos		✕
<input type="radio"/> 41 a 50 anos		✕
<input type="radio"/> acima de 51 anos		✕
<input type="radio"/> Outros...		✕
.....		
<input type="radio"/> Adicionar opção		

Renda valor do Salário Mínimo R\$ 1.100,00 *



- sem renda
- até 1/5 S.M.
- até 1 S.M.
- até 2 S.M.
- mais de 2 S.M.
- Outros...

Você recebe (pode responder mais de uma) *



- pagamento do seu trabalho
- bolsa família
- auxílio emergencial
- algum outro benefício do governo
- algum tipo de bolsa da UFRB
- pensão do pai de seu filho

Você:

- trabalha e estuda
- só estuda
- estuda, trabalha e faz bicos
- estuda e faz bicos
- Outros...

...

Você trabalha (se não trabalhar, pule para a próxima questão)

- porque precisa de dinheiro para se sustentar e sustentar seu filho
- para sustentar você e sua família (além de seu filho)
- para sustentar você, seu filho e o pai de seu filho
- porque o trabalho me ajuda a crescer individualmente, a evoluir como pessoa
- porque o trabalho me permite conhecer mais gente, ter mais amigos
- porque eu me distraio no trabalho
- Outros...

...

Se você tivesse melhores condições econômicas

- parava de trabalhar
- parava de trabalhar só para cuidar de meu filho e de minha casa
- continuaria trabalhando
- só continuaria se encontrasse um trabalho mais interessante, que me realizasse
- Outros...

O pai de seu filho trabalha

Sim

Não

As condições econômicas do pai de seu filho são

muito boas

mais ou menos

ruins

não sei

Outros...

As condições econômicas da família do pai de seu filho são

- muito boas
- mais ou menos
- ruins
- não sei
- Outros...

...

As condições econômicas da sua família são

- muito boas
- mais ou menos
- ruins
- não sei
- Outros...

Em que município você mora? *

Texto de resposta curta

.....

Você mora

- só
- com sua família
- com seu companheiro
- com a família do pai de seu filho
- com amigos/vizinhos
- Outros...

...

Quem sustenta a sua casa?

- sua família
 - você
 - o pai de seu filho
 - vizinhos/amigos
 - Outros...
-

Você estudou em escola

- pública
- particular
- Outros...

Quantos filhos você tem?

- 1
 - 2
 - 3
 - 4
 - mais de 4
-

Qual a idade de seu(s) filho(s)

Texto de resposta curta

.....

Quando você engravidou de seu(s) filho(s) (assinale a(s) resposta(s) correta(s))

- você vivia com o pai de seu filho
- você planejou a gravidez
- você não estava morando com o pai de seu filho mas achava que iriam morar juntos por causa da criança
- a gravidez simplesmente aconteceu.
- Outros...

Na sua família há casos de mãe solo

- não
- mãe
- irmã(s)
- tias, primas etc
- avó
- Outros...

Você tem amigas que são mãe solo

- não
- na faculdade
- no trabalho
- no bairro, na cidade
- Outros...

Quem ajuda você a cuidar do seu filho na sua casa

- ninguém
- babá/alguma doméstica paga
- sua família (mãe, irmãs, tia etc)
- a família do pai de seu filho
- o pai de seu filho
- vizinhos e amigos
- Outros...

Quando você trabalha/estuda, seu filho fica

- em casa sozinho
- com o pai
- com minha família
- com a família do pai
- com amigos/vizinhos
- na creche/escola
- na igreja
- com babá/empregada
- Outros...

O pai de seu filho

- não ajuda em nada
- dá apoio emocional para você
- ajuda economicamente na criação da criança
- ajuda a cuidar da criança enquanto você trabalha/estuda
- ajuda economicamente através da justiça na criação do seu filho
- fica com a criança menos de uma vez por mês
- acompanha o desenvolvimento escolar do filho
- acompanha a saúde do filho
- passeia/viaja com o filho

compra material escolar do filho

compra brinquedo para o filho

Outros...

Você recebe (e dá) apoio de outras mães solo

nenhum

dinheiro

emocional

fica com a criança quando a mãe precisa

fica sempre com a criança quando mãe trabalha/estuda

troca vestuário e outros objetos da criança quando o filho não usa mais

leva e busca da escola

leva a criança para passear

Outros...

Você estuda no CAHL/CURSO/SEMESTRE

Texto de resposta curta
.....



Você estuda

manhã

tarde

noite

Quem da sua família já concluiu curso superior

- ninguém
- mãe/pai
- irmãos
- primos
- Outros...

Você está na universidade para

- para ter uma profissão
- para poder ganhar mais do que você ganha hoje
- para me desenvolver como ser humano, crescer pessoalmente
- para aprender sobre o mundo, sobre o país
- para aprender mais sobre mim mesma
- para fazer amigos
- para poder ensinar melhor o meu filho nas coisas da escola
- para poder ensinar melhor o meu filho sobre o mundo e a vida
- Outros...

Você acha que depois de se formar

- irá arrumar um emprego melhor
- sua condição econômica irá melhorar
- ficará tudo igual
- não sabe
- Outros...

Sobre apoio para seus estudos

- sua família apoia e se orgulha de você estudar
- sua família não apoia
- seus amigos apoiam
- o pai de seu filho apoia
- o pai de seu filho não apoia
- o seu filho apoia
- o seu filho não gosta que você estude
- Outros...

Você tem dificuldade de assistir as aulas e estudar/fazer trabalhos?

- não tenho
- por causa do trabalho
- por causa do cuidado com o filho
- Outros...

Você já sofreu discriminação na faculdade por ser mãe solo

- não
- sim, por parte de colegas
- sim, por parte de professores
- sim, por parte de funcionários
- Outros...

Essa discriminação provocou

- vontade de desistir da universidade
- fez com que eu me sentisse mais forte e determinada
- não me importei
- me fechei mais depois disso, me afastei mais da universidade
- Outros...

Você acha que a universidade oferece apoio para mãe solo estudarem?

- Sim
- Não
- Talvez

Que tipo de apoio a universidade deveria dar para as mães solo estudarem?

- nenhum
- bolsa/ financeiro
- espaço e pessoal para cuidar dos filhos durante as aulas
- apoio
- atendimento psicológico
- transporte
- Outros...

Estudar no CAHL fez com que você

- não mudou nada
- se sentisse mais orgulhosa de você
- se fortaleceu por ser mãe solo
- deu mais perspectiva na sua vida
- deu mais status para você
- fez você ficar com mais problemas financeiros
- melhorou sua relação com seu filho
- piorou sua relação com seu filho
- melhorou a relação com o pai de seu filho
- piorou a relação com o pai de seu filho

- melhorou a relação com o pai de seu filho
- piorou a relação com o pai de seu filho
- melhorou a relação com sua família
- piorou a relação com sua família
- você mudou suas amizades
- fez com que você mudasse seus objetivos, planos e expectativas de vida
- fez de você uma mãe melhor
- Outros...

Sobre o dia-a-dia. No dia-a-dia você

- trabalha fora
- estuda
- cuida do filho
- cozinha
- limpa a casa
- lava roupa
- acompanha o desenvolvimento do filho na escola
- cuida de parentes
- faz compras
- estuda e faz trabalhos da faculdade
- Outros...

Como você consegue fazer todas essas atividades?

- colaboração de empregada
- colaboração de babá/creche
- colaboração da sua família
- colaboração do pai de seu filho
- colaboração da família do pai de seu filho
- colaboração de amigos/vizinhos
- apoio do poder público (escola, creche tempo integral)
- apoio de instituições (igreja, associações etc.)
- Outros...

Em relação a todas as coisas que você faz

- você se sente satisfeita por fazer tudo bem feito
- se sente frustrada porque não consegue fazer tudo, nem bem feito
- tranquila porque faz o que é possível
- não se preocupa com isso
- sente-se mal emocionalmente com tanta coisa para fazer e por ser impossível fazer tudo bem feito.
- Outros...

Sua família considera que você

- deveria ficar apenas em casa
- é uma boa profissional
- é uma boa estudante
- é boa mãe
- vai se desenvolver profissionalmente e economicamente
- é boa filha
- tem orgulho de você
- Outros...

No geral, como você pensa que as pessoas avaliam você?

- não avaliam
- é frágil
- é muito forte
- não precisa de nenhum apoio
- é feliz
- é infeliz
- é estressada, nervosa
- é sossegada
- é supermãe
- é bonita
- não me importo
- Outros...

A maternidade mudou sua vida social

- não
- viajo e passeio menos
- tenho mais amigos
- tenho menos amigos
- perdi sonhos
- ganhei sonhos
- tenho menos esperança
- tenho mais esperança
- tenho mais medo

- tenho menos medo
- gosta mais do que faz hoje do que antes
- preferia o que fazia antes
- Outros...

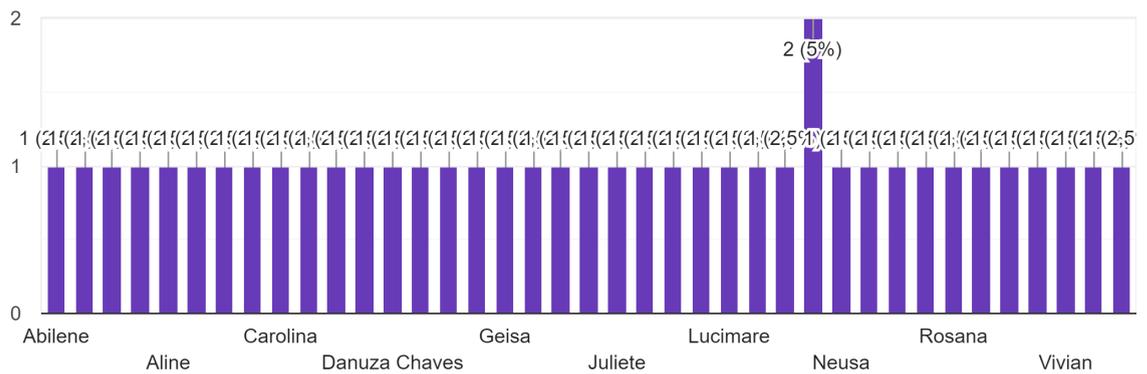
Qual seu sonho hoje?

- nenhum
- concluir a faculdade
- casar
- arrumar emprego melhor
- ter mais dinheiro
- ter mais filhos
- continuar estudando
- passear e me cuidar mais do que hoje
- Outros...

GRÁFICOS DO QUESTIONÁRIO

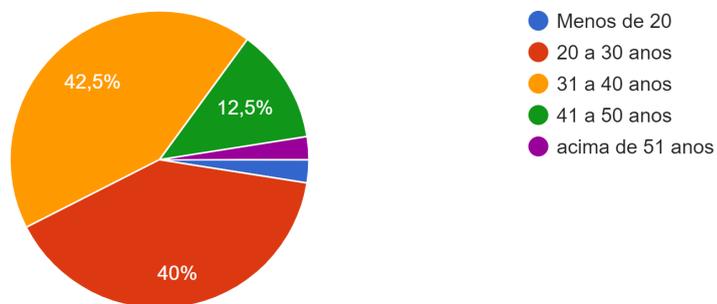
Qual seu nome? (aquele pelo qual você quer ser denominada nesta pesquisa, não vamos informar seu nome verdadeiro)

40 respostas



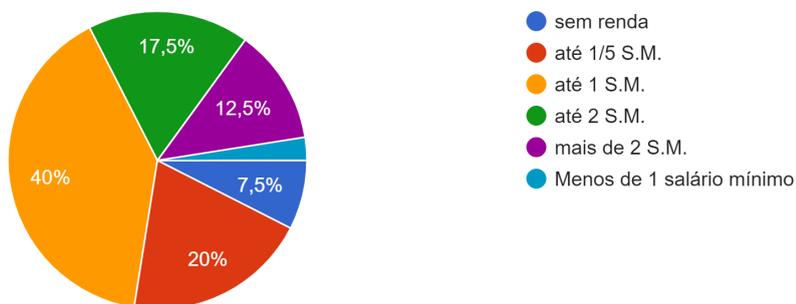
Idade

40 respostas



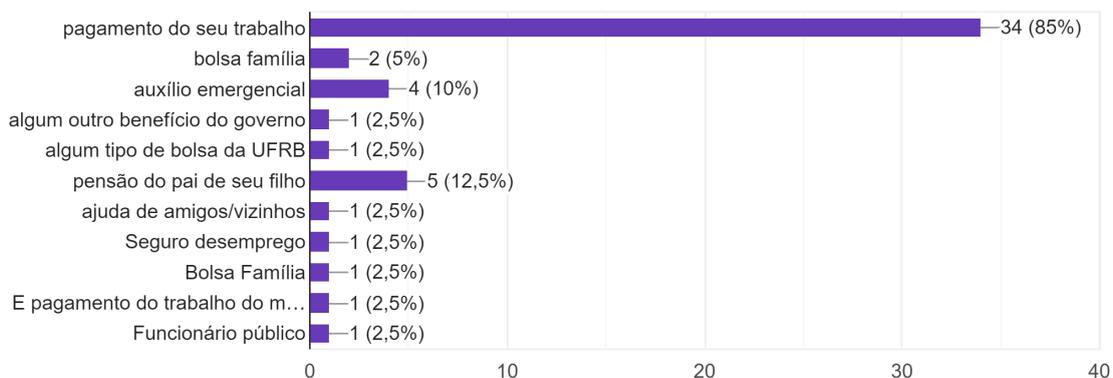
Renda valor do Salário Mínimo R\$ 1.100,00

40 respostas



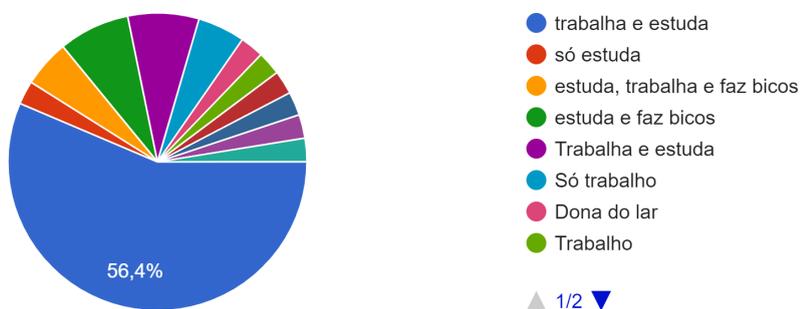
Você recebe (pode responder mais de uma)

40 respostas



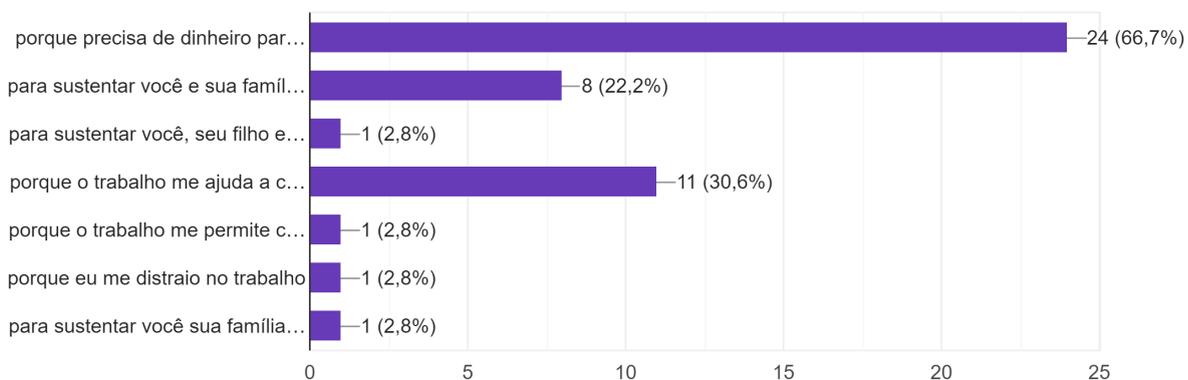
Você:

39 respostas



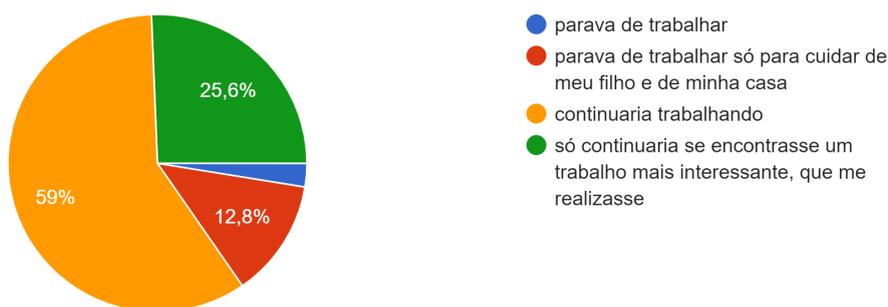
Você trabalha (se não trabalhar, pule para a próxima questão)

36 respostas



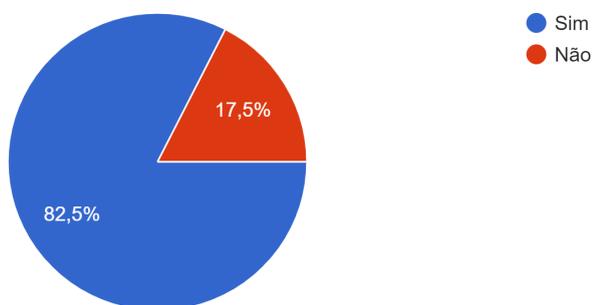
Se você tivesse melhores condições econômicas

39 respostas



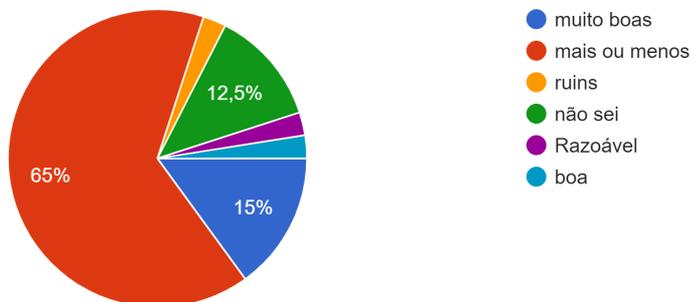
O pai de seu filho trabalha

40 respostas



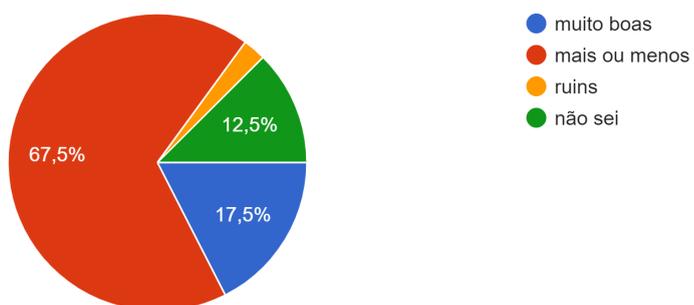
As condições econômicas do pai de seu filho são

40 respostas



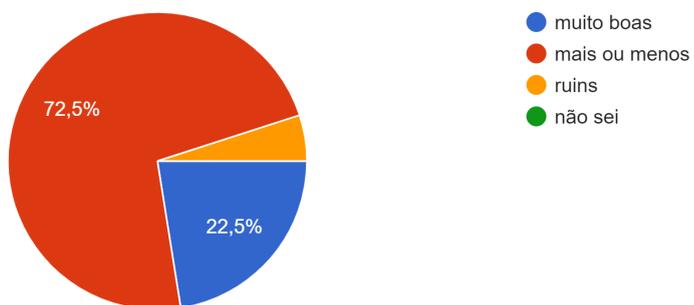
As condições econômicas da família do pai de seu filho são

40 respostas



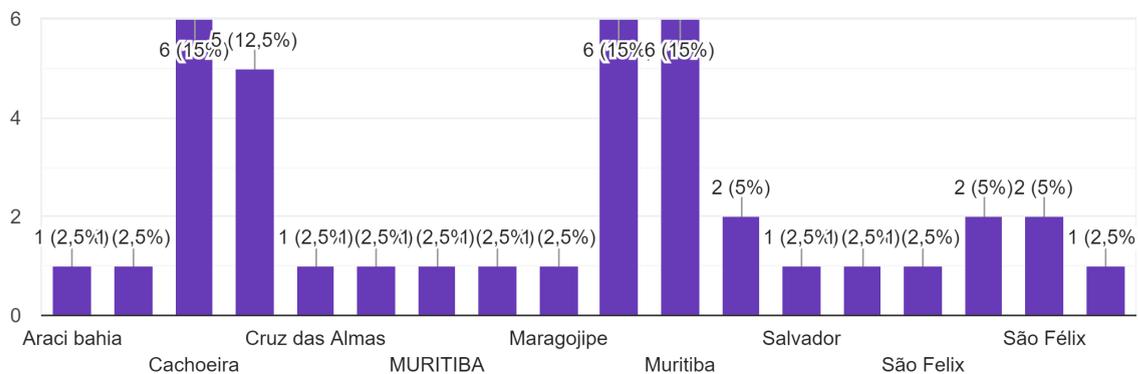
As condições econômicas da sua família são

40 respostas



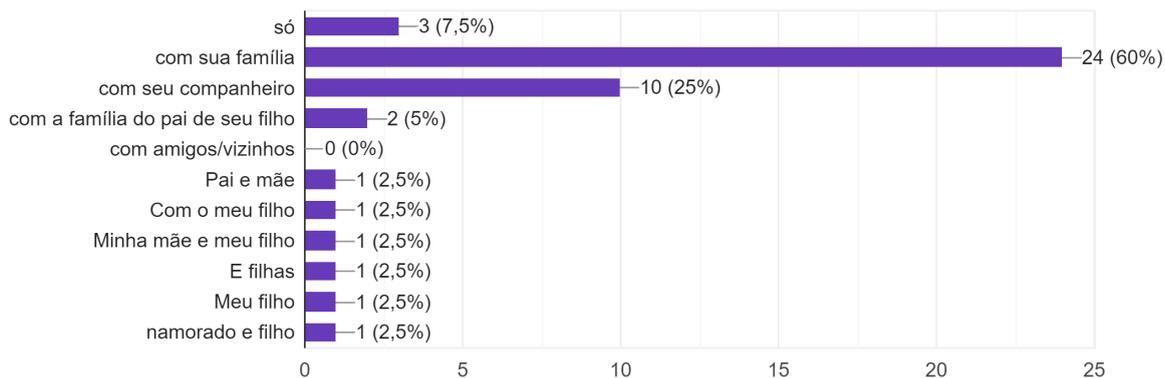
Em que município você mora?

40 respostas



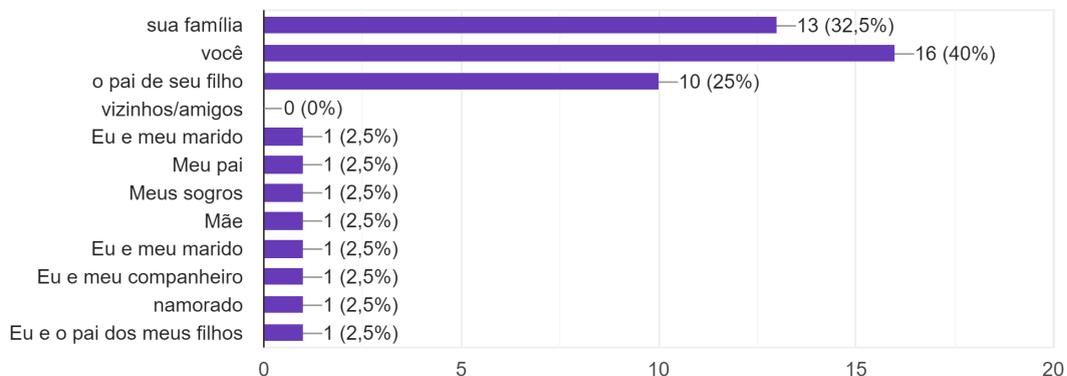
Você mora

40 respostas



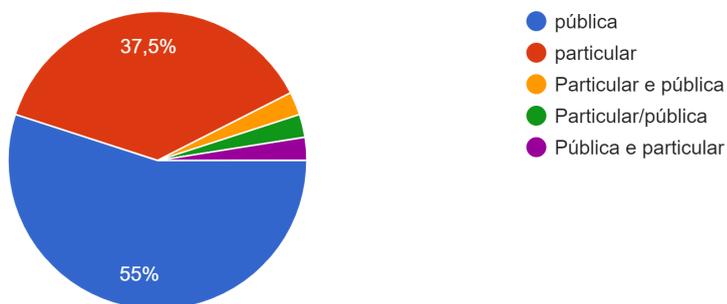
Quem sustenta a sua casa?

40 respostas



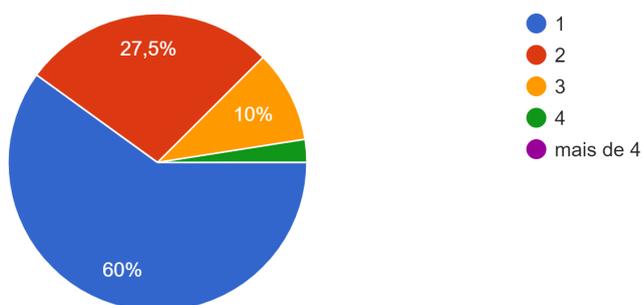
Você estudou em escola

40 respostas



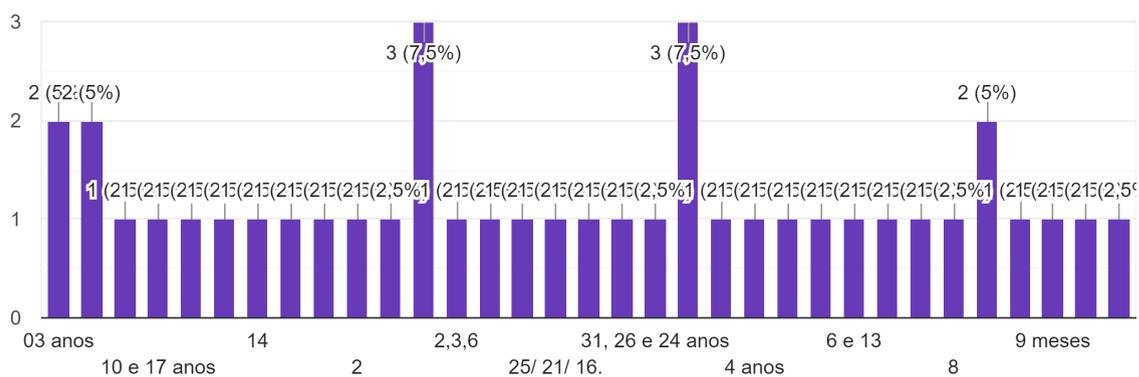
Quantos filhos você tem?

40 respostas



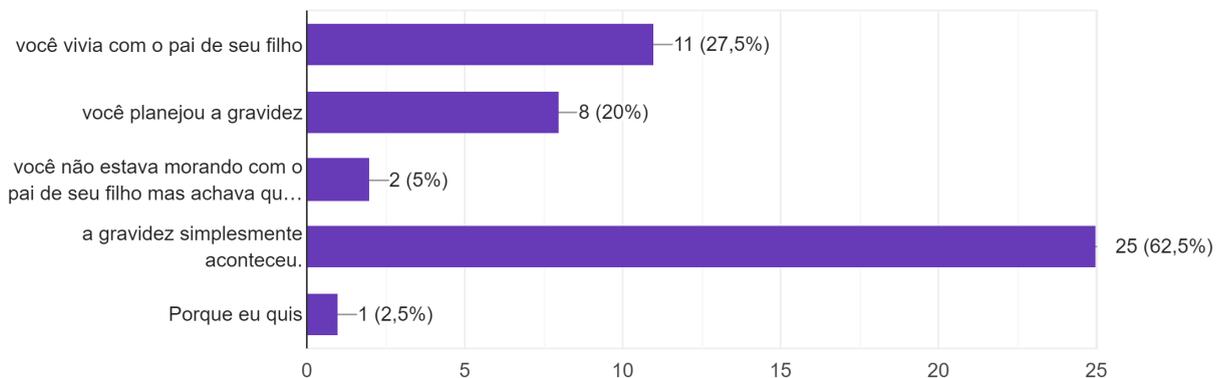
Qual a idade de seu(s) filho(s)

40 respostas



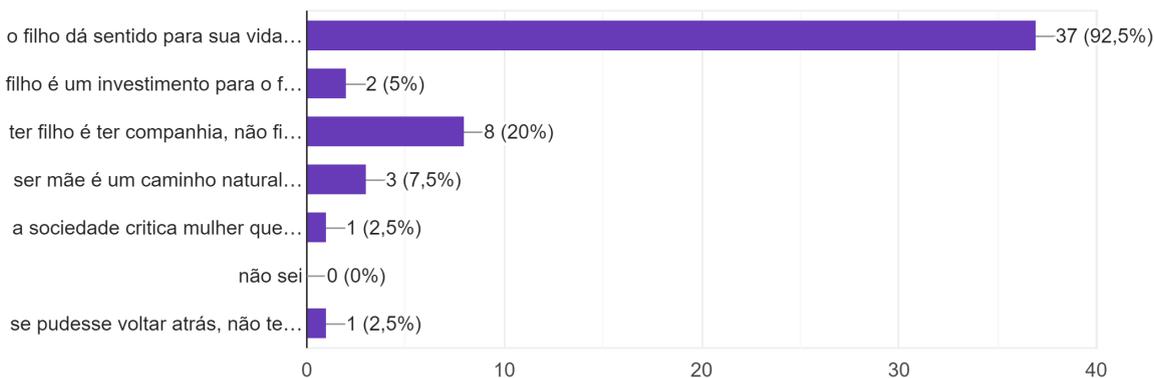
Quando você engravidou de seu(s) filho(s) (assinale a(s) resposta(s) correta(s))

40 respostas



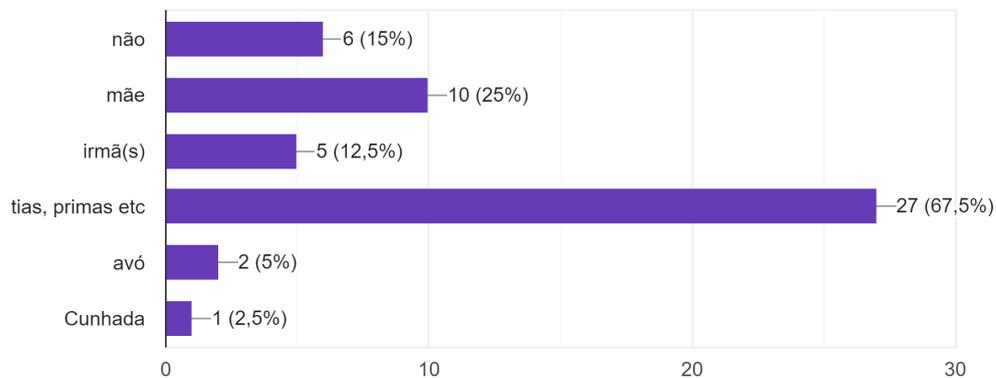
O que é ser mãe para você?

40 respostas



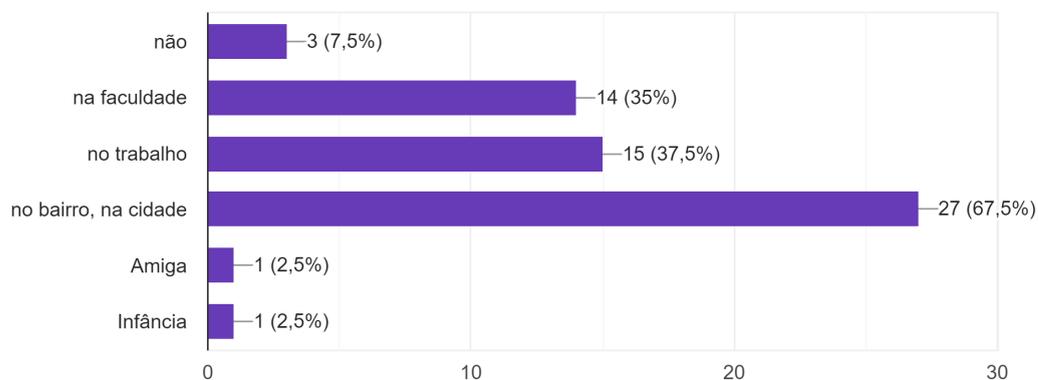
Na sua família há casos de mãe solo

40 respostas



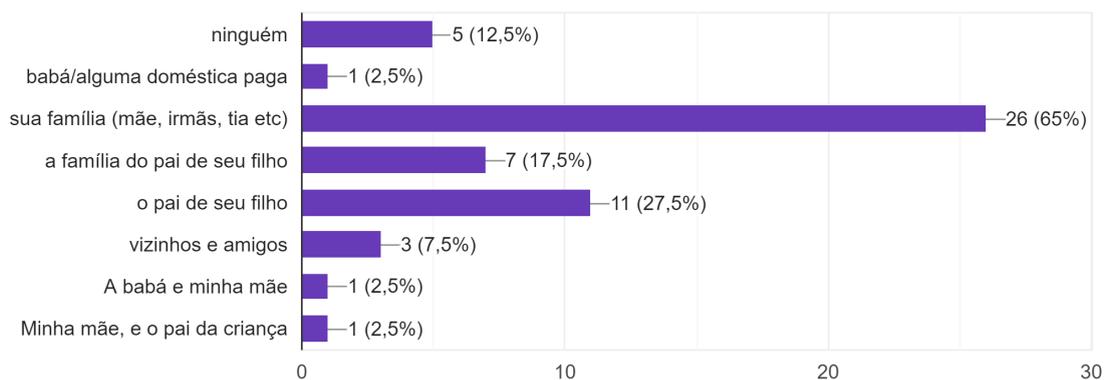
Você tem amigas que são mãe solo

40 respostas



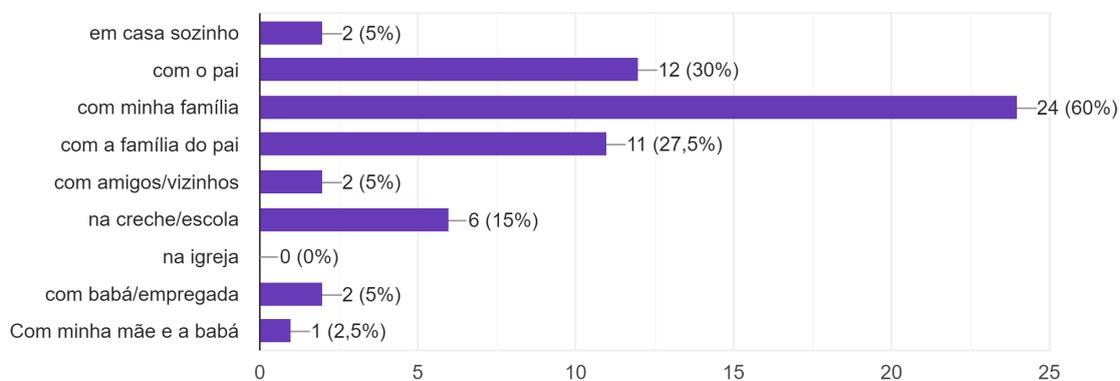
Quem ajuda você a cuidar do seu filho na sua casa

40 respostas



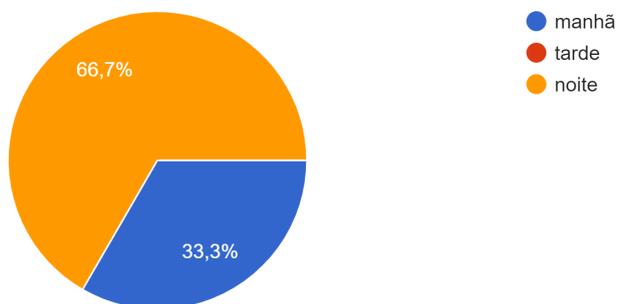
Quando você trabalha/estuda, seu filho fica

40 respostas



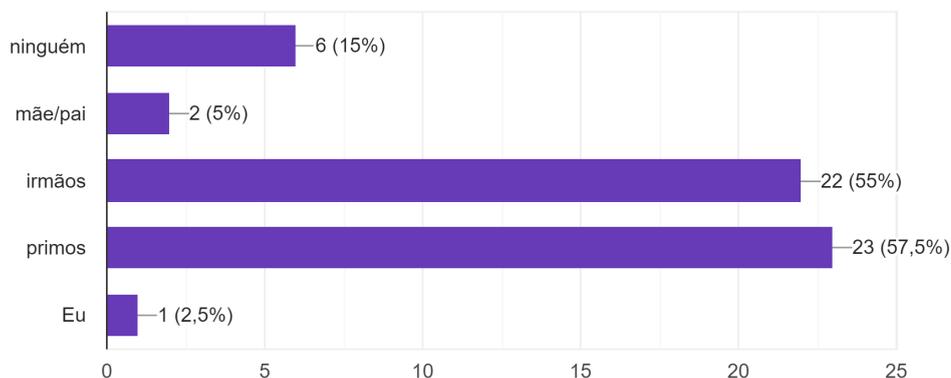
Você estuda

30 respostas



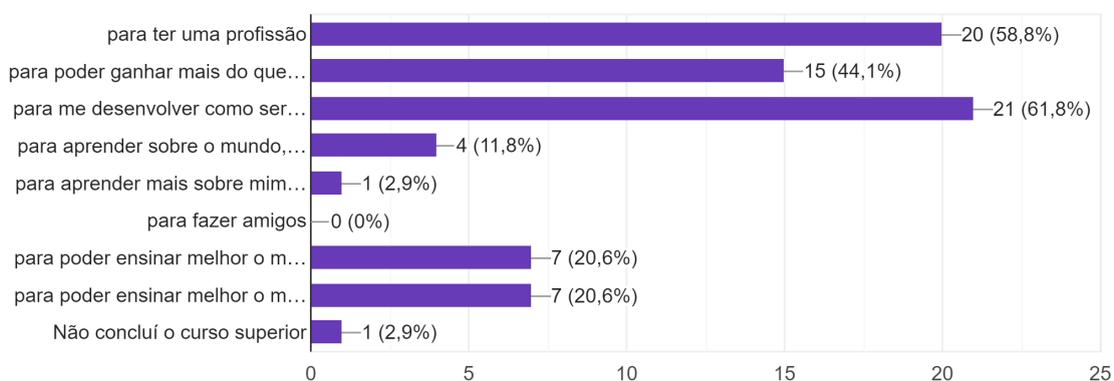
Quem da sua família já concluiu curso superior

40 respostas



Você está na universidade para

34 respostas



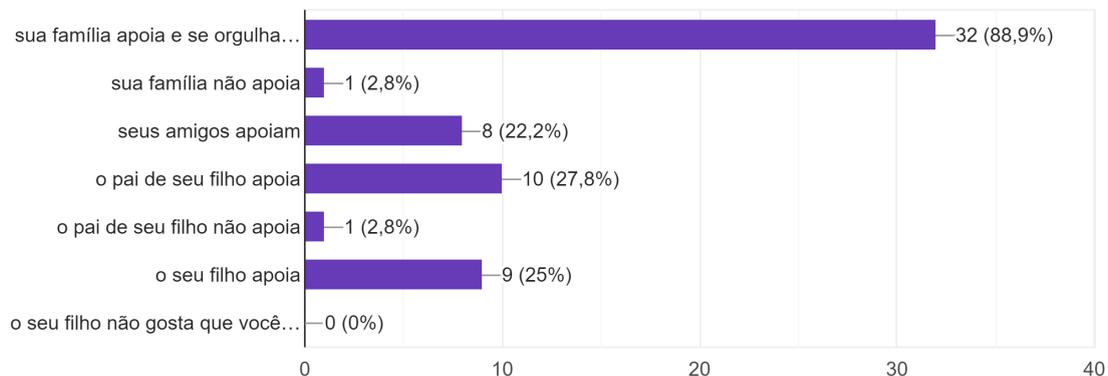
Você acha que depois de se formar

34 respostas



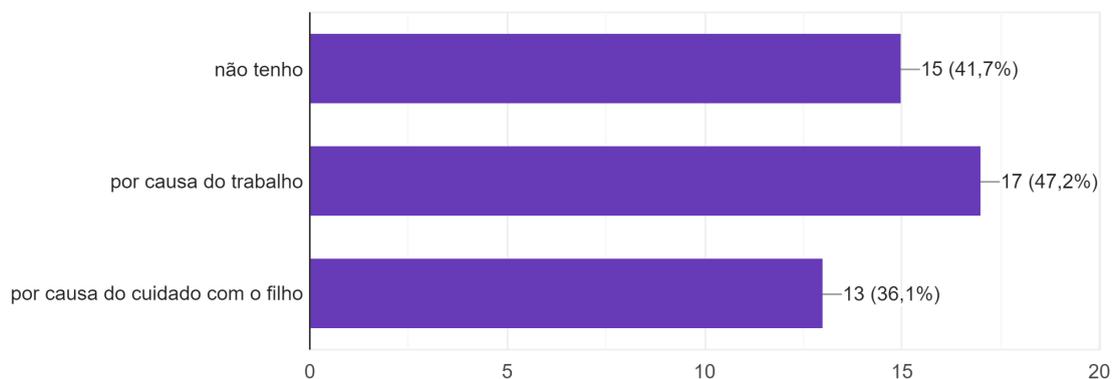
Sobre apoio para seus estudos

36 respostas



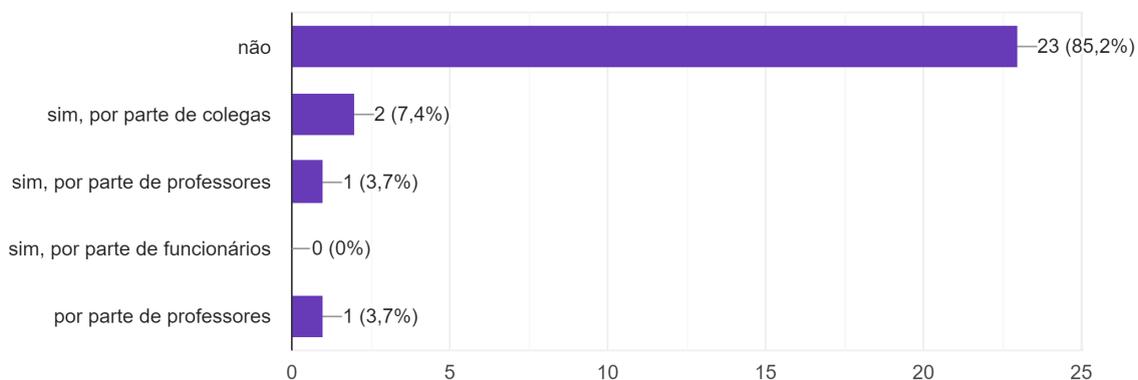
Você tem dificuldade de assistir as aulas e estudar/fazer trabalhos?

36 respostas



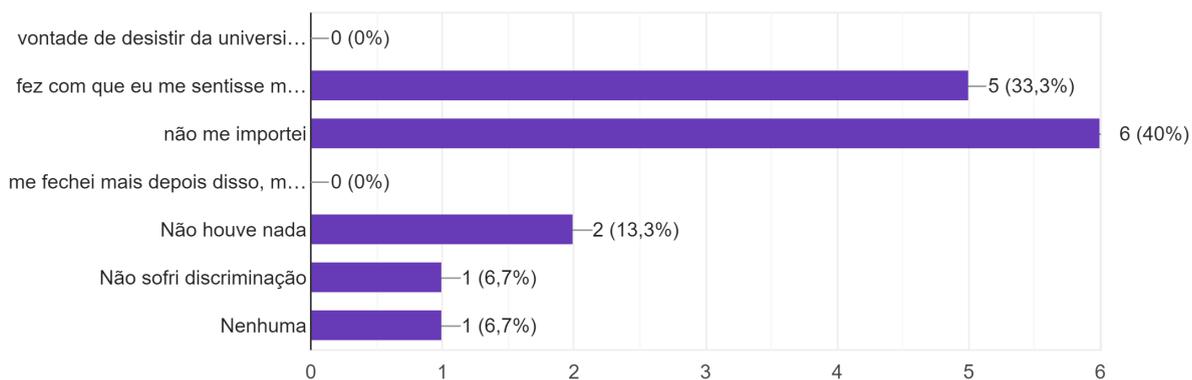
Você já sofreu discriminação na faculdade por ser mãe solo

27 respostas



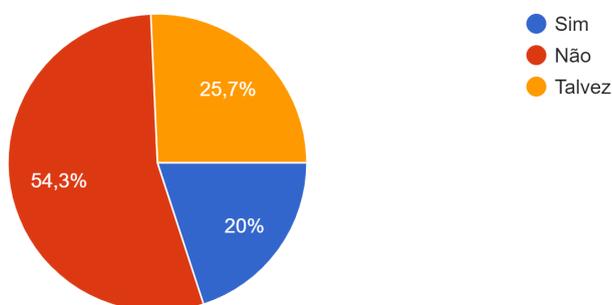
Essa discriminação provocou

15 respostas



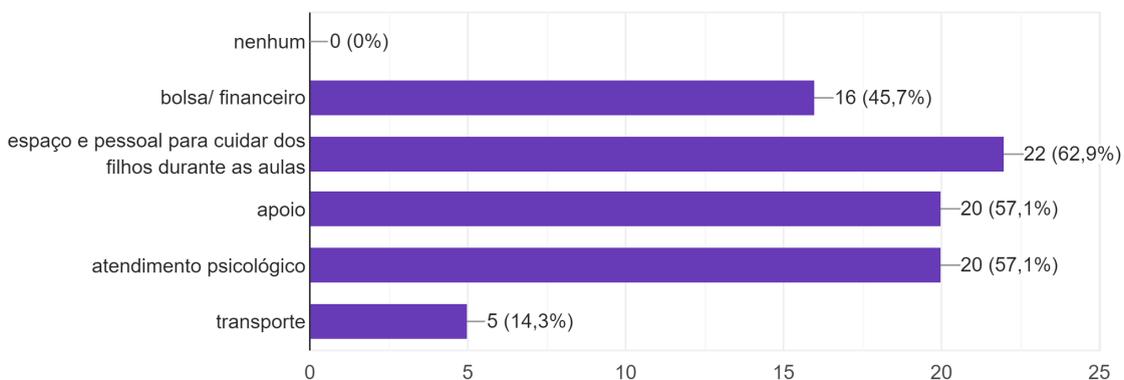
Você acha que a universidade oferece apoio para mãe solo estudarem?

35 respostas



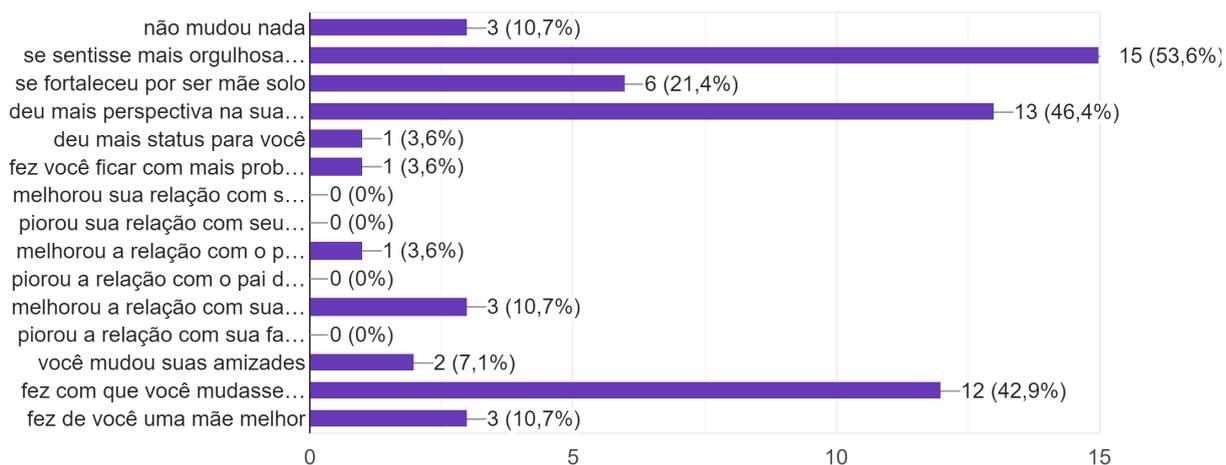
Que tipo de apoio a universidade deveria dar para as mães solo estudarem?

35 respostas



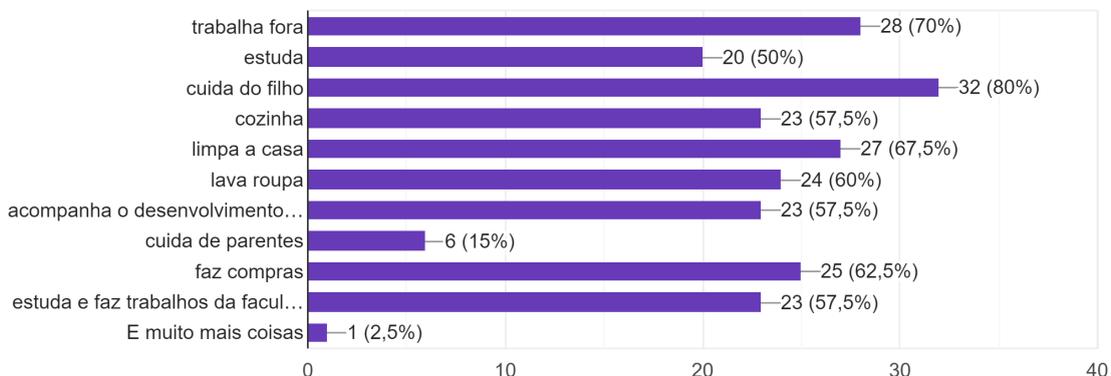
Estudar no CAHL fez com que você

28 respostas



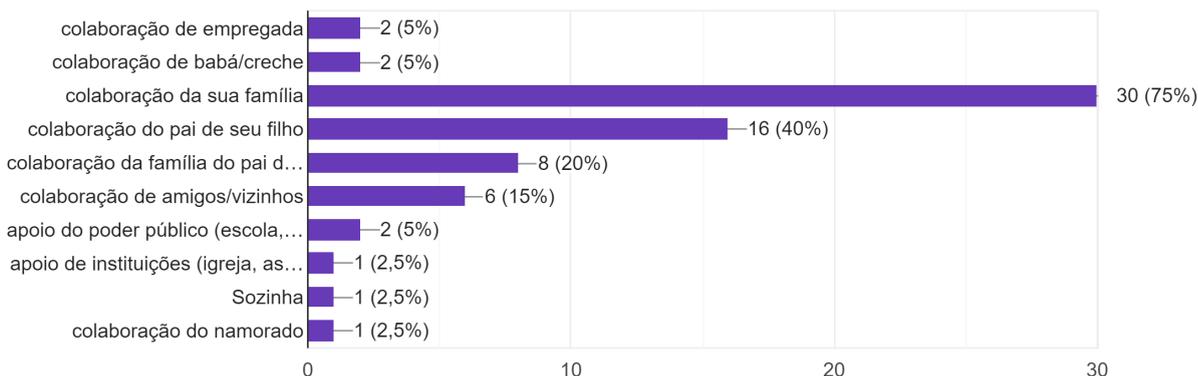
Sobre o dia-a-dia. No dia-a-dia você

40 respostas



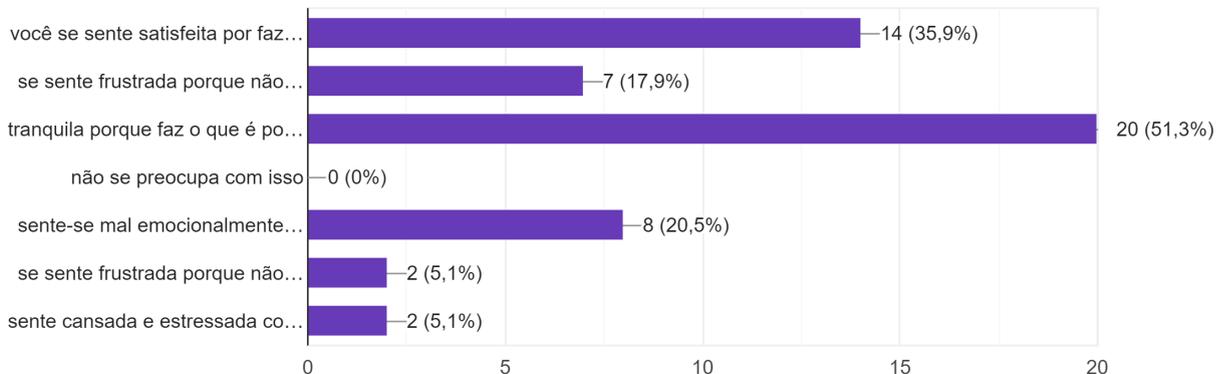
Como você consegue fazer todas essas atividades?

40 respostas



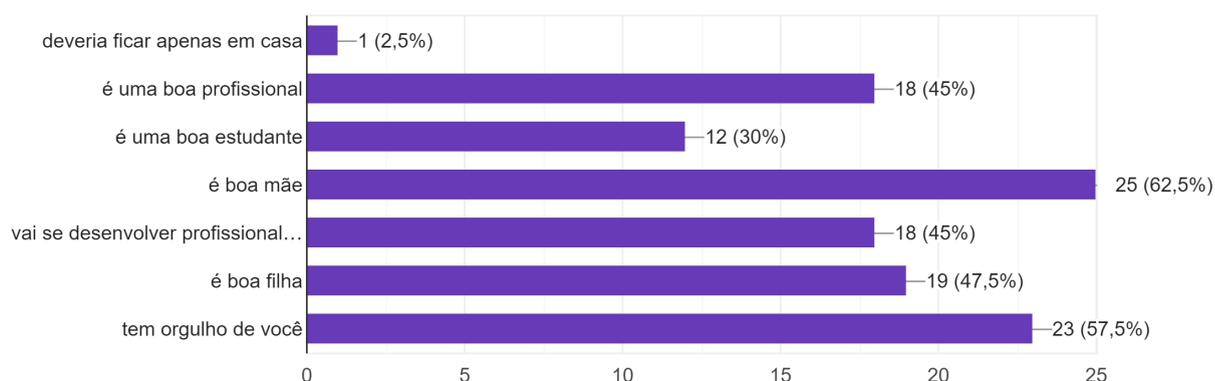
Em relação a todas as coisas que você faz

39 respostas



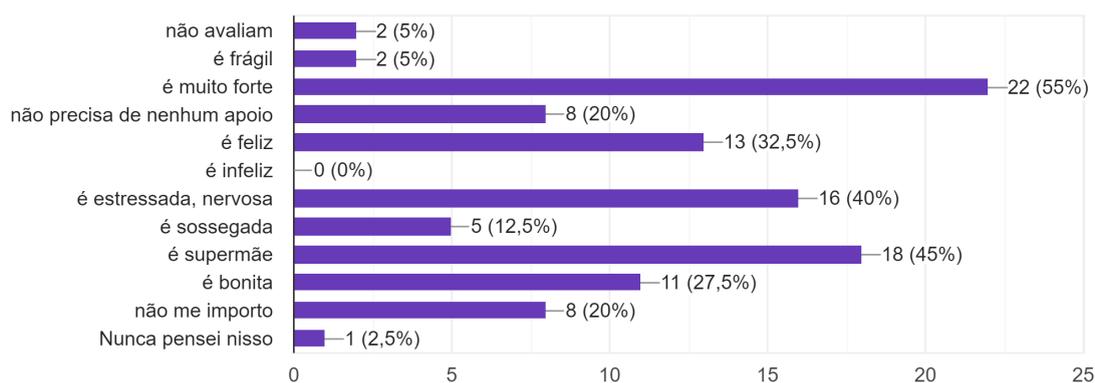
Sua família considera que você

40 respostas



No geral, como você pensa que as pessoas avaliam você?

40 respostas



A maternidade mudou sua vida social

38 respostas

